

O Manguezal

Revista de Filosofia

Julho-Dezembro de 2021

v.2 n.11 (2021)

XXII SEMANA DE
FILOSOFIA

VI SEMANA DE
FILOSOFIA DA
LINGUAGEM

Edição Comemorativa

70 Anos do Curso de Filosofia

10 Anos do Programa de Pós-Graduação em Filosofia

9 Anos do Curso de Filosofia a Distância



J. BORGES

**CADERNO DE RESUMOS
DA XXII SEMANA DE
FILOSOFIA DA UFS**

Expediente

Editores

Dr. William de Siqueira Piauí

Me. Lauro Iane de Moraes

Me. Caio Graco Maia

Me. Giovani Pinto Lírio Júnior

Revisores

Dr. William de Siqueira Piauí

Me. Lauro Iane de Moraes

Me. Caio Graco Maia

Me. Giovani Pinto Lírio Júnior

CADERNO DE RESUMOS DA XXII SEMANA DE FILOSOFIA (DFL- UFS)

VI SEMANA DE FILOSOFIA DA LINGUAGEM - GEFILUFS

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	11
Prof. Dr. William de Siqueira Piauí.....	11
MESAS DE PALESTRAS	13
CONHECIMENTO E LIBERDADE	14
Profa. Dra. Maria das Graças.....	14
UMA CONVERSA SOBRE AS HISTÓRIAS DO DFL, PPGF E FILOSOFIA EAD DA UFS	14
Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos	14
Prof. Dr. Edmilson Menezes Santos	14
Prof. Dr. Everaldo de Oliveira.....	14
Prof. Dr. Marcos Balieiro	14
Prof. Dr. Renato Rocha.....	14
PAUL RICOEUR E A PERIFERIA: NOTAS SOBRE A LEITURA DE ERNST WOLFF ...	15
Profa. Dra. Cristina Viana	15
A ORIGEM CRISTÃ DO EXISTENCIALISMO DO SÉCULO XX: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DE LUIGI PAREYSON.....	16
Prof. Dr. Márcio Gimenes de Paula.....	16
UMA BREVE HISTÓRIA FILOSÓFICA DO RACISMO	17
Prof. Dr. Erico Andrade.....	17
UM CAMINHO SUBJETIVO PARA A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA.....	17
Profa. Dra. Jeane Vanessa Santos Silva	17
FAKE NEWS: UM CASO EM FAVOR DE UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A EPISTEMOLOGIA TRADICIONAL E A EPISTEMOLOGIA SOCIAL	18
Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz.....	18

EPISTEMOLOGIA INVERTIDA	19
Prof. Dr. Breno R. G. Santos	19
NASTÁCIA FILÍPOVNA À LUZ DA TESE HEGELIANA DO HERÓI	19
Prof. Dra. Mariana Lins Costa	20
JACQUES DERRIDA E MAURICE BLANCHOT: UMA AMIZADE FILOSÓFICA	20
Prof. Dr. Davi Andrade Pimentel	20
GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI: PENSAR O PRESENTE COMO UMA URGÊNCIA POLÍTICA	21
Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim.....	21
A METAFÍSICA HIPOCONDRIACA DE K.P. MORITZ	22
Prof. Dr. Oliver Tolle	22
criação poética e interpretação: considerações sobre o conceito gadameriano de texto eminente	23
Prof. Dra. Cecília Mendonça de Souza Leão Santos	23
SOBRE O RACISMO DE DAVID HUME	24
Prof. Dr. Marcos Ribeiro Balieiro	24
UMA CONVERSA SOBRE O ENSINO DA FILOSOFIA NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS NA DÉCADA DE SETENTA	25
Prof. Dr. José Paulino da Silva.....	25
Prof. José Valdir Barreto dos Anjos	25
Prof. Eduardo Ubirajara R. Batista.....	25
LÓGICA CONTIDA NO PROGRAMA DE METODOLOGIA DA CIÊNCIA E DISCURSO COLOQUIAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE SERGIPE: 1971 A 2000	26
Prof. Eduardo Ubirajara Rodrigues Batista	26
FILOSOFIA E MATEMÁTICA: DA MATHESIS UNIVERSALIS A LEWIS CARROLL .	27
Prof. Dra. Olga Pombo	27
O OLHAR FEMININO DA FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA	27
Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra.....	27
Prof. Dr. Evaniel Brás dos Santos	27
Prof. Dra. Roberta Magalhães Miquelanti	27

EXPOSIÇÃO DE DEUS ANTES DO ESPÍRITO FINITO? UMA VEZ MAIS A RELAÇÃO ENTRE <i>CIÊNCIA DA LÓGICA</i> E <i>FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO</i>	28
Prof. Dr. Arthur Grupillo Chagas	28
BACON E OS ARTÍFICES DA MEMÓRIA	29
Prof. Dr. Edmilson Menezes Santos	29
MATTHIAS LUTZ-BACHMANN E A RELIGIÃO SEGUNDO A <i>DIALÉTICA DO ILUMINISMO</i>	30
Prof. Dr. Everaldo Vanderlei de Oliveira	30
O “APOCALIPSE LEIBNIZIANO” E O CONCEITO DO POLÍTICO	31
Prof. Dr. Ulysses Pinheiro	31
A CONTRADIÇÃO COMPLETAMENTE DESENVOLVIDA: A FILOSOFIA DE LEIBNIZ SEGUNDO HEGEL	31
Prof. Dr. Marcos Fábio Alexandre Nicolau	31
LEIBNIZ E UMA FILOSOFIA DA DIFERENÇA	32
Prof. Dr. Cristiano Bonneau	32
LEIBNIZ Y LAS CIENCIAS DE LA VIDA	33
Prof. Dr. Miguel Escribano Cabeza	33
ACCIÓN DIVINA Y RESPONSABILIDAD HUMANA EN LEIBNIZ	33
Prof. Dr. Alfredo Gerardo Martínez-Ojeda	33
A CONTROVÉRSIA LEIBNIZ E LOCKE SOBRE O CONCEITO DE PESSOA MORAL: UMA INTRODUÇÃO	34
Prof. Dr. William de Siqueira Piauí	34
ALGUNAS NOTAS SOBRE DIMENSIÓN PRÁCTICA DE LA IDENTIDAD PERSONAL EN LEIBNIZ	35
Prof. Dr. Roberto Casales García	35
FILOSOFIAS DE ONTEM E DE HOJE: UM OLHAR FILOSÓFICO A PARTIR DA AMÉRICA LATINA	35
Prof. Dr. Matheus Hidalgo	35
Prof. Dr. Evaldo Becker	35
Prof. Dr. Romero Junior Venâncio Silva	35
Prof. Dr. Antônio José Pereira Filho	35

A ESCOLA BRASILEIRA EM CRISE: O QUE A FILOSOFIA TEM A DIZER?	36
Prof. Dra. Carlota Boto	36
Prof. Dr. Christian Lindberg.....	36
Prof. Dr. Samuel Mendonça	36
ASPECTOS DA QUERELA ENTRE EMPIRISTAS E RACIONALISTAS, SEGUNDO GALENO (IN: <i>DE SECTIS</i>).....	37
Prof. Dr. Rodrigo Pinto de Brito.....	37
VISÕES DO ACONTECIMENTO: HEIDEGGER E BERGSON.....	38
Prof. Dr. Fernando Monegalha	38
EXPANSÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - UMA EXPERIÊNCIA NORDESTINA.....	39
Prof. Dr. Marcus J. Alves de Souza.....	39
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O BUDISMO NA OBRA DE NIETZSCHE	39
Prof. Dr. Derley Menezes Alves.....	39
TÓPICOS SOBRE EROS NA FILOSOFIA DE PLATÃO	40
Prof. Me. Tiago do Rosário Silva	40
A RELEVÂNCIA DA FILOSOFIA E SEU PAPEL NO ENFRENTAMENTO DOS DESAFIOS DA VIDA CONCRETA.....	41
Prof. Dr. Valter Duarte (Odará).....	41
REALISMO E ANTIREALISMO NA MATEMÁTICA	41
Prof. Dr. Alessandro Bandeira Duarte.....	42
Prof. Dr. André Pontes	42
Profa. Ma. Daniela Soares	42
PODERÁ O PLATONISMO DA PLENITUDE SER FORMALMENTE E COERENTEMENTE INTERPRETADO?.....	42
Profa. Ma. Daniela Soares	42
‘SATZ’ COMO ‘BILD’ E ‘SATZ’ COMO ‘MABSTAB’: O DESENVOLVIMENTO DE UMA METÁFORA.	43
Prof. Dr. Marcos Silva.....	43
INCERTEZAS FILOSÓFICAS SOBRE CERTEZAS CIENTÍFICAS: ESPECULAÇÕES CRIATIVAS A PARTIR DE WHITEHEAD E HARAWAY	44
Profa. Dra. Juliele Maria Sievers.....	44

TEORIAS JURÍDICO-FILOSÓFICAS E POLÍTICAS DE NACIONALIDADE E IMIGRAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: UM RECORTE ACERCA DA RACIALIZAÇÃO DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO NO PAÍS	44
Profa. Dra. Flávia de Ávila.....	45
OS ATEUS DE JOHN LOCKE: ESTADO DE NATUREZA E O QUADRO MORAL DAS GENTES.....	45
Prof. Dr. Saulo H. S. Silva.....	46
EDUCAÇÃO E LIBERDADE DE (DES)CRENÇA	46
Prof. Dr. Marcelo de Sant’Anna Alves Primo	46
MINICURSOS	48
LOGICISMO EM FREGE	49
Alessandro Bandeira Duarte (UFRRJ)	49
O PROBLEMA DOS FUTUROS CONTINGENTES: AGOSTINHO, BOÉCIO E OCKHAM	50
Nilo César Batista da Silva (UFCA).....	50
William Saraiva Borges (UFPel).....	50
ALGUMAS QUESTÕES DE MÉTODO EM HISTÓRIA DA FILOSOFIA: SOBRE ALGUNS MOTIVOS PARA A SELEÇÃO E TRADUÇÃO DE CERTOS TEXTOS.....	52
William de Siqueira Piauí (UFS).....	53
OS MEANDROS DA ESCRITA ACADÊMICA	56
Renata Ferreira Costa (UFS)	56
O BLOQUEIO DA ESCRITA ACADÊMICA COMO PROBLEMA PSICOSSOCIAL: QUESTÕES SOCIAIS E PRÁTICAS PARA UMA ESCRITA FLUENTE	59
Robson Nascimento da Cruz (PUC-MG)	59
ACHILLE MBEMBE E A FILOSOFIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA.....	61
Romero Venâncio Junior Da Silva (UFS)	61
Valter Duarte (Odará) (UERJ).....	61
Daniel Christian Dos Santos (UFS).....	61
MESAS DE COMUNICAÇÕES	66

SOBRE A EXISTÊNCIA DE DEUS: QUESTÕES PROPEDEÚTICAS	67
Antunes Ferreira da Silva	67
A LIBERDADE E SUA EFETIVAÇÃO NA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL.....	67
José Elielton da Silva.....	67
O FORMALISMO ÉTICO E A CRÍTICA DE MAX SCHELER A KANT	68
Cleibson Américo	68
SOBRE O JUÍZO MORAL VULGAR EM KANT	69
Tomaz Martins da Silva Filho	69
FILOSOFIA COMO TERAPIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O <i>ENSAIO SOBRE AS DOENÇAS MENTAIS</i> E <i>ANTROPOLOGIA DE UM PONTO DE VISTA PRAGMÁTICO</i>	70
Victor Sávio de Oliveira Tavares	70
A REPARTILHA DO SENSÍVEL E O REGIME ESTÉTICO DA ARTE EM JACQUES RANCIÈRE	71
Clara Leite Lisboa	71
ACERCA DA PARÁBOLA KAFKIANA: UM DEBATE ENTRE BENJAMIN E BRECHT	72
Caio Graco Queiroz Maia.....	72
CRÍTICA A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER DA PERSPECTIVA DA GENEALOGIA DA MORAL DE NIETZSCHE E DO PENSAMENTO DECOLONIAL	73
Katia Cristina Santos Lelis	73
DICOTOMIA FILOSÓFICA: IMAGINÁRIO EXCLUDENTE	73
Carla Jeane Helfemsteller Coelho	74
O PENSAMENTO NISIANO: UMA QUEBRA DE PARADIGMAS COM OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DA LOUCURA NO BRASIL	74
Anizia Lino de Messias	75
O CAMINHO DOS JOGOS EM HEIDEGGER E WITTGENSTEIN.....	75
Nailton Fernandes da Silva.....	75
A FALÁCIA ARGUMENTATIVA E O PENSAMENTO HEURÍSTICO	76
Alípio José Viana Pereira Neto	76

O QUE HÁ NO QUE NÃO É: REFERÊNCIA E PREDICAÇÃO NA SEMÂNTICA MEINONGUIANA	77
Deir da Silva Machado Junior	77
A INFLUÊNCIA DE FREGE NA COMPREENSÃO DA NATUREZA DO VALOR EM ECHEVERRÍA.....	78
Manoel Rodrigues Pessoal Filho	78
A TEORIA CRÍTICA DENTRO DO DISCURSO POLÍTICO: UMA BREVE ANÁLISE NO CONCEITO DE JUSTIFICAÇÃO E JUSTIÇA NA OBRA DE RAINER FORST E JOHN RAWLS	79
Percy Daniel Arce Santos	79
O DIREITO NATURAL À ÁGUA EM VANDANA SHIVA	79
Sizínio Lucas Ferreira de Almeida	79
NOTAS SOBRE A RELAÇÃO CORPO-ESPAÇO-TEMPORALIDADE À LUZ DE MERLEAU-PONTY	80
Alessandra Lins da Silva	80
A ONTOLOGIA SARTRIANA É UMA FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL?.....	81
Marcos Sávio Santos Aguiar	81
UMA REFLEXÃO ACERCA DA IDEIA DE PLURALIDADE EM BAKHTIN.....	82
Vicente Fiscina	82
UMA INTRODUÇÃO À CRÍTICA DA IDEOLOGIA JURÍDICA PROPOSTA POR DERRIDA	83
Edilamara Peixoto de Andrade	83
VONTADE E TEMPORALIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA TOTALIDADE E INFINITO DE EMMANUEL LEVINAS.....	83
Joseilton Nunes da Silva	83
A ALTERIDADE LEVINASIANA E A UNIVERSALIDADE DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS: A EFETIVA VINDA À PRESENÇA DE UM OUTRO DESCONHECIDO.....	84
Francisco Manoel da Silva Júnior	84
A CONDUTA PIRRÔNICA NO ENSINO MÉDIO: UMA ALTERNATIVA METODOLÓGICA.....	85
Adriel Cardoso Fonseca Santos	85

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DAS FORMAS PRESENTES NOS DIÁLOGOS FÉDON E A REPÚBLICA, DE PLATÃO.....	86
Cleudo Melo Araujo	86
A ARTE RETÓRICA E OS SOFISTAS	87
Thatiane Santos Meneses.....	87
SOBRE A BUSCA PELA INAUSÊNCIA DO OUTRO NA FILOSOFIA DE PLOTINO: O CONSTRUIR DA TESE EM MEIO A UMA PANDEMIA.....	88
Tadeu Júnior de Lima Nascimento	88
A INEFICÁCIA DA PALAVRA NA SIGNIFICAÇÃO E OSTENSÃO DA COISA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO DE MAGISTRO DE AGOSTINHO DE HIPONA	88
Ronny Dennyson Monteiro Santana.....	89
O CONCEITO DE PULSÃO EM NIETZSCHE E FREUD.....	89
Salomão Santana	89
A QUESTÃO DA LIBERDADE EM DELEUZE	90
Edson Peixoto Andrade	90
O DEVIR INCÔMODO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SUJEITO NO DELEUZE DE SLAVOJ ŽIŽEK.....	91
Merielle do Espírito Santo Brandão	91
CONHECIMENTO E NECESSIDADE: A PROBLEMÁTICA DA LIBERDADE NO ESTRUTURALISMO FRANCÊS.....	92
Lauro Iane de Moraes.....	92
O CONHECIMENTO LINGUÍSTICO COMO UMA PRÁTICA SOCIAL: UMA CRÍTICA FOUCAULTIANA AO CONCEITO DE <i>SUJEITO</i> COMO <i>LOCUS</i> DE REPRESENTAÇÕES	92
Giovani Pinto Lírio Júnior.....	92
A RECUSA LOCKIANA DA EXISTÊNCIA DE PRINCÍPIOS INATOS	93
Daniel Soares Silveira	93
A CONTRIBUIÇÃO DA CONSTITUIÇÃO MISTA PARA A VIGÊNCIA DA LIBERDADE NO LIVRO I DOS <i>DISCURSOS</i> DE MAQUIAVEL	94
José Quitério da Silva Correia	94

O CONTRATO SOCIAL PARA A FORMAÇÃO DO ESTADO CIVIL (<i>COMMONWEALTH</i>) NO CAPÍTULO XIV DO <i>LEVIATÃ</i> DE THOMAS HOBBS	95
Solange Almeida Lima	95
O "ELEMENTOS DA LEI NATURAL E POLÍTICA" NA TEORIA E NO SISTEMA DA LINGUAGEM DE HOBBS.....	96
Mariana Dias Pinheiro Santos	96
EDUCAÇÃO NATURAL E MORAL EM ROUSSEAU.....	96
Ronney Costa de Moraes.....	96
LOCKE E LEIBNIZ: SOBRE OS TERMOS E O CONHECIMENTO	97
Samara Conceição de Jesus	97
LEIBNIZ: NOMINALISTA OU REALISTA? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CONCEPÇÃO LEIBNIZIANA CONCERNENTE À FUNDAMENTAÇÃO DA REALIDADE DAS IDEIAS	98
José Lino da Cruz Junior	98
NOTAS INTRODUTÓRIAS AO REALISMO DE LEIBNIZ	98
Rayane Ribeiro dos Santos	98
LEIBNIZ: AS LÍNGUAS E AS NAÇÕES	99
Hudson Canuto	99

APRESENTAÇÃO

Prof. Dr. William de Siqueira Piauí

Prezadas e prezados participantes da XXII SEMANA DE FILOSOFIA DFL-UFS e VI Semana de Filosofia da Linguagem GEFILUFS (29 de novembro a 03 de dezembro de 2021), é com grande alegria que os recebemos em mais esse nosso evento que este ano comemora os 70 anos do Curso de Filosofia, 10 anos da Pós-Graduação em Filosofia e 9 anos de criação do curso de Filosofia a Distância da Universidade Federal de Sergipe. Uma história curta, é verdade, especialmente quando comparada aos séculos de criação da instituição universidade, mas já repleta de desafios vencidos graças a uma infinidade de parcerias e muitos empenhos de ordem pessoal que gostaríamos de homenagear nos dias em que estaremos juntos tentando contá-la. Mas não só isso, é claro!

Como de costume em um caderno dessa natureza, a seguir ofereceremos os resumos que nos foram enviados dos trabalhos que serão apresentados durante todo evento e que, certamente, são a melhor maneira de se informar sobre a grande variedade de temas que serão abordados durante toda a semana e que vão muito além da tentativa de contar aquela história; trabalhos de nossos atuais alunos e alunas ou de universidades nossas parceiras, de nossos egressos que na maioria dos casos se tornaram professores e professoras de instituições de ensino referência no nosso país, de amigos que trabalharam conosco e que agora integram outros departamentos e mesmo outros programas de pós-graduação, de parceiros e parceiras que nos ensinaram a como ter êxito nessa história ainda tão curta de nossa pós-graduação, que faz pouco passou a contar com o doutorado, e licenciatura, que faz pouco passou a contar com a modalidade EaD, em filosofia. A todas e todos vocês sejam bem vindos e esperamos que nossa homenagem e registro dessa história sirva de explicitação do reconhecimento que sempre tivemos por vocês.

Antes de terminar essa apresentação, gostaríamos de registrar os auxílios iniciais, pois muitos ainda serão necessários para a finalização do nosso evento, sem os quais esse começo do trabalho não seria possível. O presente evento está sendo realizado graças à colaboração mais direta do Chefe do Departamento de Filosofia (DFL-UFS), Prof. Dr. Renato Rocha, dos alunos do Cafill, destaque para aluna Rayane dos Santos, os alunos Diêgo Andrade, Yaron Amaral e também de Anderson Lopes, dos integrantes do GEFILUFS, destaque para os alunos

Lauro Iane, Caio Graco, Percy Daniel Arce e Daniel Soares, do Coordenador do Programa de Pós Graduação em Filosofia (PPGF-UFS), Prof. Dr. Marcos Ribeiro Balieiro, e da representação discente do mesmo programa, destaque para as alunas Renata Dias Ribeiro e Marina Pereira da Silva. Não podemos deixar de também mencionar a ajuda inicial mais que fundamental dos professores Antônio Carlos dos Santos, Edmilson Menezes Santos, Everaldo Vanderlei de Oliveira e Christian Lindberg, sem os quais não saberíamos quem convidar para contar o início de toda essa história e de muitos outros que mereciam também essa nossa homenagem. Por fim, a todos aqueles que nos ajudaram mandando mesas e mesmo minicursos com participantes e tema já fechados, que fizeram sugestões de nomes e mesmo convites e muitas outras coisas, nosso muito obrigado; esperamos poder seguir contando com vocês durante toda a realização e finalização do nosso evento.

Muita saúde e boa sorte a todxs!

William Piauí

São Cristóvão, 15 de novembro de 2021

MESAS DE PALESTRAS

CONHECIMENTO E LIBERDADE

Profa. Dra. Maria das Graças¹

Resumo: Retomo aqui a tradição baconiana e iluminista da promoção do saber e do avanço da liberdade para prestar homenagem ao Departamento de Filosofia e aos dez anos do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

Palavras-chave: Bacon; Iluminismo; Conhecimento; Liberdade; PPGF-UFS.

UMA CONVERSA SOBRE AS HISTÓRIAS DO DFL, PPGF E FILOSOFIA EAD DA UFS

Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos²

Prof. Dr. Edmilson Menezes Santos³

Prof. Dr. Everaldo de Oliveira⁴

Prof. Dr. Marcos Balieiro⁵

Prof. Dr. Renato Rocha⁶.

Resumo: Situaremos historicamente a institucionalização, em nível superior, da filosofia em Sergipe por meio da criação da Faculdade Católica de Filosofia e do Curso de Filosofia; em seguida discutiremos sua absorção pela Universidade Federal de Sergipe e as implicações desse

¹ Livre-docente e professora titular da Universidade de São Paulo, aposentada em 2015. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia e Política, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia moderna, iluminismo, renascença, história, política. É presidente da Associação Brasileira de Estudos do Século XVIII. É membro do Diversitas - núcleo de estudos sobre diversidades intolerâncias e conflitos, da USP.

² Professor de Ética e Filosofia Política, Antônio Carlos dos Santos é decano do Departamento de Filosofia da UFS e Pesquisador do CNPq, também é membro do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da mesma universidade (PPGF-UFS), programa do qual foi o primeiro coordenador e um dos principais responsáveis por sua efetivação.

³ Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

⁴ Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe

⁵ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

⁶ Professor Adjunto, Chefe do Departamento de Filosofia e Coordenador do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

processo. Apresentaremos um diagnóstico das atividades recentes do Departamento de Filosofia, junto ao curso de licenciatura em Filosofia, ao ensino de graduação na Universidade Federal de Sergipe, destacando a atuação do seu corpo docente, discente e administrativo; intentaremos também projetar algumas perspectivas futuras para o desenvolvimento da comunidade do DFL e da Filosofia na UFS. Também abordaremos os nove anos de aprovação da criação do Curso de Graduação em Filosofia Licenciatura a distância, com a Resolução N° 01/2012/CONSU, de 29 de fevereiro de 2012, de acordo com o Projeto Pedagógico aprovado pela Resolução N° 89/2011/CONEPE, de 05 de setembro de 2011; curso integrado ao sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e, na UFS, ao Centro de Educação Superior a Distância (CESAD); vale lembrar que com o Curso de Filosofia, na modalidade de Educação a Distância (EaD), tornou-se possível levar a formação de professores de Filosofia às localidades do interior do Estado de Sergipe, além de atingir localidades de estados vizinhos. A partir dos Polos UAB implantados em diversos municípios, frutos das parcerias em nível federal, estadual e municipal, foram ofertadas vagas dirigidas prioritariamente aos profissionais atuantes na Educação Básica, contribuindo, assim, com a Política Nacional de Formação de Professores. Pretendemos apresentar uma visão sobre essa experiência, suas realizações, limites e desafios. Gostaríamos, além disso, de apresentar um pouco do histórico da formulação da proposta de Mestrado em Filosofia da UFS que foi aprovada pela CAPES em 2011 e que teve início com a primeira turma em março de 2012; bem como registrar certa visão sobre os fatos que conduziram à proposta exitosa e os dilemas enfrentados pela coordenação na fase inicial do Mestrado; por fim, empreenderemos uma breve exposição acerca da situação atual do PPGF, durante a qual serão consideradas não apenas suas conquistas e as dificuldades superadas pelo Programa até o momento, mas também suas perspectivas futuras

Palavras-chave: DFL; PPGF; EaD; Ensino de Filosofia; UFS.

PAUL RICOEUR E A PERIFERIA: NOTAS SOBRE A LEITURA DE ERNST WOLFF

Profa. Dra. Cristina Viana⁷

⁷Professora de Filosofia na Licenciatura e PPGFIL da UFAL. Doutora em Filosofia pela UNICAMP.

Resumo: Em 2021, o filósofo sul-africano Ernst Wolff lançou na Bélgica a obra “*Lire Ricoeur depuis la périphérie: Décolonisation, Modernité, Herméneutique*”. Pretendemos apresentar e discutir algumas das problemáticas centrais desse livro importante e atual, que escava na vasta obra ricoeuriana elementos que nos ajudam a compreender melhor os problemas sociais e políticos que afligem as pessoas em África, mas também na América Latina. A obra traz uma contribuição ímpar para os estudiosos de Ricoeur, por trazer à tona traços de um engajamento político que normalmente não tem destaque em sua biografia. Mas a obra interessa igualmente aos não especialistas, uma vez que, ultrapassando muito os propósitos de uma exegese por meio de uma fina reflexão autoral, mobiliza as teses ricoeurianas sobre o Estado, a história, mas também a culpa e a violência, a fim de propor um horizonte às lutas dos povos e culturas marginais dentro da ordem mundial.

Palavras-chave: Ricoeur; História; Política; Decolonização.

A ORIGEM CRISTÃ DO EXISTENCIALISMO DO SÉCULO XX: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DE LUIGI PAREYSON

Prof. Dr. Márcio Gimenes de Paula⁸

Resumo: A partir das reflexões do filósofo italiano Luigi Pareyson expostas nas obras *Studi sull'esistenzialismo* e *Ontologia della libertà*, o artigo almeja aprofundar a discussão sobre dois pontos: a origem cristã da reflexão sobre a existência no século XX e o tema da liberdade em tal ontologia proposta pelo pensador. Os dois temas são capitais na história do existencialismo do século XX. A primeira tese nos parece instigante por polemizar com a tese ateísta ou agnóstica e a segunda por desenvolver um tema central da reflexão filosófica tanto no seu aspecto ontológico como moral.

Palavras-chave: Ética; Existencialismo; Filosofia contemporânea; Filosofia da Religião; Luigi Pareyson; Ontologia.

⁸ Professor do Departamento de Filosofia da UnB, pesquisador PQ 2 do CNPq e membro do GT de Filosofia da Religião da ANPOF.

UMA BREVE HISTÓRIA FILOSÓFICA DO RACISMO

Prof. Dr. Erico Andrade⁹

Resumo: A apresentação consiste em fazer três considerações sobre o discurso de raça na filosofia com vistas a mostrar como o discurso filosófico serviu de episteme para o racismo estrutural. Nessa perspectiva, início mostrando como o sujeito cartesiano é rapidamente convertido em critério epistêmico para discriminar as pessoas racialmente. Sem seguida, apresento o contratualismo e a filosofia hegeliana como responsáveis, a partir do conceito de estado de natureza, por fornecer os subsídios para exploração dos povos africanos e da própria África. Por fim, mostro como o projeto de modernidade no Brasil se amparou (e ainda se ampara!) no discurso racista da inferioridade das pessoas negras em face do modelo civilizatório europeu.

Palavras-chave: Raça; Filosofia; Sujeito; Autonomia.

UM CAMINHO SUBJETIVO PARA A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA

Profa. Dra. Jeane Vanessa Santos Silva¹⁰

Resumo: Tendo considerado a incongruência entre o modelo formal de epistemologia e as práticas cotidianas de produção e legitimação do conhecimento, meu objetivo é apresentar a epistemologia feminista negra como modelo alternativo de validação de nossas práticas epistemológicas. A crítica ao modelo formal e a adesão ao modelo feminista negro constituem aqui um percurso subjetivo, que visa à recuperação do protagonismo epistêmico e a afirmação do lugar de intelectual negados sistematicamente pela tradição colonialista, da qual a epistemologia tradicional faz parte. Para tanto, recuperarei a noção de ‘epistemicídio’, que representa o tipo de relação epistemológica travada em sociedades colonialistas, o que justifica

⁹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e membro do Núcleo de Ética e Filosofia Política da UFPE (NEFIPE).

¹⁰ Professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Membro do Alteritas - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Diferença Arte e Educação, e do Coletivo de Filósofas Negras. Jeane Vanessa UFSC jeane_vanessa@hotmail.com.

a adesão aos critérios alternativos de validação do conhecimento como propostos por epistemólogas feministas negras.

Palavras-chave: Epistemologia feminista negra; Epistemicídio; Protagonismo epistêmico; Colonialismo.

FAKE NEWS: UM CASO EM FAVOR DE UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A EPISTEMOLOGIA TRADICIONAL E A EPISTEMOLOGIA SOCIAL

Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz¹¹

Resumo: o fenômeno das “fake news” tem atraído a atenção dos epistemólogos por diversas razões, práticas e teóricas. Parece claro que há boas razões para tal; por exemplo, parece razoável imaginar que o fato de fake news espalharem falsidades coloca o fenômeno no conjunto daqueles que estão ligados à produção, circulação, aceitação e avaliação de informação, um conjunto que sempre recebeu atenção de filósofos interessados, num sentido lato, pelo “conhecimento” – os epistemólogos. A epistemologia “tradicional” tipicamente concentrou seus esforços em questões centradas no agente epistêmico individual. Há boas razões em favor deste tipo de atenção; por exemplo, parece útil termos ferramentas teóricas capazes de explicar porque, num mesmo grupo social, podemos dizer que uma pessoa S “sabe que P” (onde P é uma dada informação) enquanto a pessoa R “não sabe que P”. A despeito desta boa motivação em favor de abordagens centradas no indivíduo, mais e mais desafios têm sido sugeridos na literatura da epistemologia “social” à abordagem tradicional: testemunho recebido de outros agentes, confiança epistêmica, ignorância produzida, por exemplo, sugerem que aspectos sociais frequentemente impactam a posição dos agentes epistêmicos. Fake News constituem um fenômeno “social”, sob vários aspectos. Por outro lado, a agência individual parece ainda desempenhar um papel importante, já que fake news parecem ser feitas para, também, produzir crença falsa em indivíduos – e por vezes elas produzem crença falsa em S mas não em P. Dado o exposto, pretendo 1) discutir o fenômeno das fake news, 2) tentando mostrar que conceitos típicos da epistemologia tradicional (como “crença”, “verdade” e

¹¹ Universidade Federal de Santa Catarina, GT Epistemologia Analítica. Alexandre Meyer Luz UFSC meyerluz@hotmail.com.

“justificação”) desempenham um papel importante em sua explicação, mas que eles 3) sozinhos não são capazes de oferecer uma explicação razoável do fenômeno, o que implica no acréscimo de conceitos importados da epistemologia social, por fim, pretendo usar tais resultados para destacar uma tese geral sobre a articulação entre abordagens tradicionais e abordagens sociais.

Palavras-chave: Fake News; Epistemologia; Epistemologia social; Verdade.

EPISTEMOLOGIA INVERTIDA

Prof. Dr. Breno R. G. Santos¹²

Resumo: Na contramão dos pressupostos idealizados da epistemologia tradicional, que tem o caráter individual e socialmente ascético da produção de conhecimento como foco de análise e teorização, a epistemologia social, a partir de suas vertentes políticas e aplicadas, tem se ocupado de desmistificar as práticas de produção, manutenção e transmissão de conhecimento a partir da avaliação dos fatores sociopolíticos que operam nas práticas epistemológicas reais e que muitas vezes são dominantes ao ponto de bloquearem a própria produção de conhecimento. Neste trabalho, me ocuparei de apresentar um desses ramos críticos da epistemologia social não-ideal, que tem a cognição social real como foco de análise. Em especial, olharei para a noção de *ignorância*, como ela surge e se desenvolve na teoria do conhecimento contemporânea, e discutirei tanto suas raízes teóricas na filosofia política radical quanto o seu papel na explicação do que alguns autores e autoras têm compreendido como mecanismos sociopolíticos de produção de *epistemologias invertidas*, de modos de cognição social defeituosos, sustentados por estruturas de dominação e que retroalimentam tais estruturas.

Palavras-chave: Epistemologia invertida; Ignorância; Ideologia; Conhecimento.

NASTÁCIA FILÍPOVNA À LUZ DA TESE HEGELIANA DO HERÓI

¹² Egresso da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é professor Adjunto I no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso, e professor permanente dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e em Estudos de Cultura Contemporânea, ambos da UFMT. Também é líder do Grupo de Pesquisa em Epistemologia Aplicada (CNPq).

Resumo: Nastácia Filíppovna é a heroína do romance *O idiota*, publicado por Dostoiévski entre 1868 e 1869. Nas últimas páginas desta obra de grande fôlego, quase quando já completamente enlouquecida, ela é assassinada pelo seu então recém-marido Parfen Rogójin, depois de ter oscilado, na parte final do romance, entre casar-se com ele e com o Príncipe Míchkin, o idiota que dá o nome ao título, protagonista do romance. Míchkin, o príncipe salvador bondoso, algo celestial, eterna-criança e, ao mesmo tempo, idiota no sentido médico do termo; com o qual, conforme suspeitam não poucos leitores, se a desventurada Nastácia tivesse escolhido casar-se teria sido salva do aniquilamento atroz, porque injusto e terrível. Quando, *factualmente*, na obra, a verdade é que ambos, assassino desvairado e príncipe idiota, terminam abraçados ao lado do corpo ainda fresco de uma Nastácia morta com uma única facada, precisa, embaixo do seio esquerdo, enquanto lia, com a camisola de núpcias, e portanto no coração. Que nas últimas linhas o assassino em delírio e aos berros seja afagado e consolado pelo príncipe em estado de idiotia irreversível é uma indistinção da duplicidade repleta de significado. Até porque Nastácia Filíppovna é representada no livro como encarnação da própria beleza e, portanto, como ideal – o que, em Dostoiévski, tem significado filosófico. Como de praxe entre os intelectuais russos da sua época, a estética hegeliana é referência central e, em especial, o seu conceito de ideal que designa a manifestação sensível do absoluto, quando o concreto e singular é capaz de expressar o abstrato e universal, o belo propriamente dito, que no plano do mundano e humano, transparece sob a forma do herói.

Palavras-chave: Nastácia Filíppovna; Dostoiévski; Hegel; Ideal; Herói; Mulher.

JACQUES DERRIDA E MAURICE BLANCHOT: UMA AMIZADE FILOSÓFICA

Prof. Dr. Davi Andrade Pimentel¹⁴

¹³ Pós-doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe.

¹⁴ Pós-doutorando em Tradução da Universidade Federal do Rio de Janeiro com bolsa Faperj. Pós-doutor em Tradução pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: davi_a_pimentel@yahoo.com.br.

Resumo: A partir do texto “Maurice Blanchot est mort” [“Maurice Blanchot está morto”], presente no livro Parages [Paragens], de Jacques Derrida, pretende-se analisar os constituintes filosóficos e afetivos que serviram de base para a composição de uma amizade que excede o simples pacto intelectual entre Derrida e Blanchot. Nessa perspectiva, intenta-se também pontuar os movimentos afirmativos e negativos desta amizade, considerando que, após a morte de Blanchot, Derrida opera um movimento, digamos, de inversão negativa em relação ao amigo que se contrapõe ao movimento afirmativo dos livros derridianos que lhe foram dedicados, como: Demeure: Maurice Blanchot [Morada: Maurice Blanchot] e Parages¹⁵. 2 Se, por um lado, em Adeus a Emmanuel Levinas, Derrida nos apresenta uma homenagem à obra levinasiana de modo distanciado e imparcial; por outro lado, em relação a Blanchot, ainda que haja uma homenagem à obra blanchotiana, constata-se um modo demasiadamente aproximativo, magoado e, por vezes, colérico, que faz com que compreendamos que o trabalho de luto derridiano mal tinha se iniciado. “Maurice Blanchot est mort”, escrito poucos dias depois da perda do amigo, deixa entrever como a amizade e o pensamento filosófico podem dar origem a uma escrita teórico-filosófica que desvela a dor, a partida, o sentimento de solidão e o afeto que, quer se queira ou não, são deixados de lado em escritos de tal envergadura filosófica.

Palavras-chave: Jacques Derrida; Maurice Blanchot; Amizade; Filosofia.

GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI: PENSAR O PRESENTE COMO UMA URGÊNCIA POLÍTICA

Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim¹⁶

Resumo: A proposta é pensar com Deleuze e Guattari os fascismos no presente, como por exemplo, uma crítica ao moralismo e ao legalismo que inundaram as práticas políticas. A ideia é buscar interrogar os ódios e os ressentimentos movimentados na política e na estética do terror, atualizados hoje. Analisar a apropriação moral de relações e acontecimentos pelo uso estratégico de um jogo entre normas e leis operacionalizados por uma multiplicidade de

¹⁵ O texto “Maurice Blanchot est mort” foi anexado somente após novas edições e reimpressões do livro Parages.

¹⁶ Doutor em Filosofia. Professor do Departamento de Filosofia, do Mestrado Profissional em Filosofia e do Mestrado em Letras/Estudos Literários na Universidade Estadual de Montes Claros, MG. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ciências Humanas e Outros Sistemas de Pensamento/CNPq e Coordenador do Canal Agenciamentos Contemporâneos – www.youtube.com/agenciamentos.

instâncias de regulação social. No conjunto dessas práticas, Deleuze e Guattari ressaltaram o surgimento da sociedade de controle como ampliação da vigilância, da lógica empresarial da vida, da crise das instituições e da utilização do marketing enquanto vetor de modulação da moral e do comércio de tudo e de todos, de forma antiética e fascista. Tudo se torna mercado, investimento, empreendedorismo, (reconfiguração da sociedade disciplinar de Foucault). Teremos um espaço estriado (recortado) x espaço liso. Com efeito, em meio à mercantilização de todas as relações na vida, a ética perde espaço para microfascismos e tanto, a estética quanto a política passam a figurar como operadores utilitaristas do mercado e do capital.

Palavras-chave: Política; Microfascismos; Multiplicidade; Devir-revolucionário.

A METAFÍSICA HIPOCONDRIACA DE K.P. MORITZ

Prof. Dr. Oliver Tolle¹⁷

Resumo: Algumas filosofias se aproximam tanto do ordinário, que somos constrangidos de imediato a desconfiar da sua validade. Afinal de contas, a elevada especulação deveria nos proteger dos equívocos e das ilusões do senso comum, promover uma atitude de suspeita em relação aos costumes e principalmente nos precaver do conhecimento que nasce da parcialidade. A observação de si e seu subproduto mais condenável, a convicção nascida da experiência pessoal e unilateral, são vistos como os maiores oponentes do desenvolvimento da ciência. O fato é que esse juízo despreza as conjunturas que definem a existência do homem e a dinâmica de sua formação da infância até a idade adulta, onde a aquisição de conhecimentos que nascem da investigação impessoal nem sempre se mostram úteis para a solidão que o indivíduo enfrenta em virtude da exigência que a natureza impõe a ele de recriá-la constantemente em seu interior. Ora, poucas filosofias se aproximaram da nossa condição ordinária, limitada e finita com tanto otimismo e com tamanha promessa de realização como a de Karl Philipp Moritz (1756-1793). Se é possível avaliar uma doutrina pela distância entre o

¹⁷ Professor associado de Estética do Dep. de Filosofia FFLCH/USP. É autor de *O nascimento da estética no século XVIII*, Ed. Clandestina, 2016. Pesquisa atualmente a Escola de Wolff e sua recepção no século XVIII, particularmente a fundamentação da psicologia empírica e o seu declínio com o idealismo transcendental e absoluto. A esse propósito publicou nos *Cadernos de Tradução* (Df/FFLCH/USP, 2020) tradução acerca da Revista de Psicologia Empírica (1783-1793) de K. P. Moritz. Também se encontra em preparação a publicação da tese de livre docência intitulada *Doutrina da alma: estudos de psicologia empírica alemã*.

que promete e o que efetivamente permite alcançar, a do nosso autor merece a nossa atenção. Assim, no final do século XVIII, a obra de Moritz se revela mais propriamente como um esforço de investigação das forças cognitivas envolvidas no trato da vida cotidiana, consideração de que nem mesmo o mais sábio dos homens pode escapar, como já tinha advertido Baumgarten. Moritz não se furtou ao fato de que a conduta do ser humano é regida principalmente por dois elementos que a princípio se mostram como antagônicos: o costume e a atividade consciente. A natureza compulsória da tradição e a comunidade dos comportamentos sempre se colocou como um grave impedimento à crença na absoluta autonomia do indivíduo auto-orientado. É inegável que mesmos os maiores esforços de correção da conduta individual tendem a se dissolver na imposição do coletivo. Prova disso é que, à distância, as práticas dos seres humanos de determinada época se mostram sempre com uma homogeneidade maior do que o ideal de autonomia permitiria esperar. Ao mesmo tempo, não há como reduzir a importância do esforço de superação do costume e de práticas viciosas.

Palavras-chave: Psicologia empírica; Estética; Metafísica; Filosofia alemã; Iluminismo.

CRIAÇÃO POÉTICA E INTERPRETAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO GADAMERIANO DE TEXTO EMINENTE

Profa. Dra. Cecília Mendonça de Souza Leão Santos¹⁸

Resumo: Desde que Aristóteles afirmou ser a poesia mais filosófica que a história, tornou-se claro que o conteúdo verdadeiro nas obras de arte poéticas não poderia remeter à conformidade de um discurso a um estado de coisas externamente verificável. A universalidade da criação poética reivindica uma autonomia e validade própria que não se deixa determinar por nenhuma espécie de referência à “realidade” extrínseca à obra. Meu trabalho mostrará como a hermenêutica filosófica desenvolvida por Hans-Georg Gadamer investiga o que seja “verdade” no caso específico da criação poética através do conceito de “texto eminente”. Embora seja evidente que os blocos da construção poética possuem referência no mundo e, nesse sentido, podem ser verdadeiros ou falsos, disto não se pode depreender nenhuma verdade ou falsidade a respeito da construção como um todo. A criação poética capaz de, conforme Hesíodo, dizer

¹⁸ Professora adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: cecilialeo@academico.ufs.br.

“muitas coisas verdadeiras e falsas” sem distingui-las, não está atrelada a qualquer referente específico correspondente e só encontra o fundamento de sua autonomia em suas qualidades enquanto obra de arte literária, isto é, em sua beleza. Esta posição revela o problema hermenêutico abrigado na tensão entre o trabalho do artista e a atividade do intérprete diante da obra, haja vista que, ao contrário de textos científicos ou de uso prático, a criação poética não se limita à transmissão de conteúdo. O conceito de texto eminente tem a finalidade de lidar com o desafio hermenêutico imposto pela conexão indissolúvel entre poetizar e interpretar que – por dizer respeito à natureza do próprio poetizar tanto para o criador quanto para o leitor – possui implicações mais filosóficas que técnicas.

Palavras-chave: Hermenêutica Filosófica; Literatura; Interpretação; Gadamer.

SOBRE O RACISMO DE DAVID HUME

Prof. Dr. Marcos Ribeiro Balieiro¹⁹

Resumo: Em nota de rodapé acrescentada, a partir de 1753, ao ensaio “Of National Characters”, Hume faz considerações inegavelmente racistas, segundo as quais povos não-brancos seriam naturalmente inferiores aos brancos. Como se sabe, a última edição dessa nota seria revisada de modo a tratar como inferiores somente os negros, e não outras “raças” mencionadas no ensaio. Neste artigo, propõe-se uma avaliação do racismo de Hume que leve em conta o contexto em que essas afirmações se inserem, mostrando que não é possível tomar as posições do filósofo escocês como simples resultado de seu tempo. Em seguida, realizam-se algumas considerações sobre o impacto da “nota de rodapé infame” para o próprio pensamento moral e político do filósofo (que parece relegar os negros frequentemente ao papel de menos que humanos, ou, ao menos, a “outros”, aos quais talvez Hume talvez considerasse que suas teses sobre a natureza humana não se aplicariam), bem como para autores que teriam sido influenciados por ele. Para isso, recorre-se não apenas a textos do próprio Hume e à bibliografia secundária relevante, mas a outros autores do período, tanto para mostrar o impacto das teses racistas do filósofo quanto para mostrar casos em que elas foram rebatidas por seus contemporâneos.

¹⁹ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Palavras-chave: Hume; Racismo; Raça; Negros; Iluminismo escocês.

UMA CONVERSA SOBRE O ENSINO DA FILOSOFIA NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS NA DÉCADA DE SETENTA

Prof. Dr. José Paulino da Silva

Prof. José Valdir Barreto dos Anjos

Prof. Eduardo Ubirajara R. Batista²⁰

Resumo: Algumas das universidades públicas brasileiras das capitais de pequeno e médio porte foram criadas no final da década de 60; estávamos, portanto, em pleno regime da ditadura militar de 64. Foi o caso da Universidade Federal de Sergipe, criada sob o regime jurídico de fundação no final de 1968. Todas estas universidades dependiam financeiramente do MEC e viviam, sobretudo, sob o controle dos Decretos 477 e 228 além do Ato Institucional nº 5. Ensinar as disciplinas ligadas à Filosofia, à Sociologia e outras de caráter reflexivo era um desafio que demandava muita atenção e tensão por parte do corpo docente destas disciplinas. Meu desafio, José Paulino da Silva, foi ensinar Filosofia da Educação neste clima de censura em que vivíamos. Para se ter uma ideia, autores como Anísio Teixeira, Durmeval Trigueiro Mendes, Paulo Freire e Darcy Ribeiro eram terminantemente proibidos de serem ensinados. Nosso objetivo é refletir com os colegas da mesa, ou seja, também com José Valdir B. dos Anjos e Eduardo Ubirajara R. Batista, sobre nossa experiência docente naqueles primeiros períodos de vida da universidade. Pensaremos a questão: Qual “o lugar” da Filosofia numa Universidade?

Palavras-chave: Universidade; Filosofia; Década de setenta.

²⁰ Respectivamente: O prof. José Paulino da Silva é doutor em Filosofia e História da Educação. O prof. Eduardo Ubirajara R. Batista é professor adjunto, da graduação e da pós-graduação – *lato sensu* - da UFS (1971-1995, aposentado); professor da ASA/Unit (1972-1992); professor da graduação e da pós-graduação da FANESE (1999-2020); monitor de Metodologia da Ciência (UFPB, 1970); autor de manuais de Metodologia da Ciência, de Estatística e do GUIA de Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico; professor emérito nas três primeiras instituições mencionadas.

LÓGICA CONTIDA NO PROGRAMA DE METODOLOGIA DA CIÊNCIA E DISCURSO COLOQUIAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE SERGIPE: 1971 A 2000

Prof. Eduardo Ubirajara Rodrigues Batista²¹

Resumo: A notória resistência de cerca de 50% dos alunos dos cursos da Universidade Federal da Paraíba – UFPB (1970), da Universidade Federal de Sergipe - UFS (1971 a 1995), da Associação Sergipana de Administração, hoje UNIT (1972 a 1992) e da Faculdade de Administração e Negócio de Sergipe - FANESE (1999 a 2005), quanto aos conteúdos de Linguagem Lógica na Unidade II da disciplina Metodologia da Ciência - métodos dedutivo, indutivo e hipotético-dedutivo -, em nível de dificuldade maior para menor, na ordem decrescente desses conteúdos, despertou o interesse deste professor em estudar sobre a Filosofia da Ciência Moderna (desde 1920 com Schilick, nomeado professor de Filosofia da Ciência, no início do movimento Ciclo de Viena). Observava-se, paralelamente, que o fato da maioria dos alunos, de qualquer grau de ensino, não demonstrar muito interesse pela Matemática, desde os primeiros anos de estudo, poderia ter provocado uma análoga aversão, principalmente ao método dedutivo, logo no primeiro período do qualquer curso superior. No bojo desse curioso problema, verificava-se que alguns alunos, que revelavam forte interesse pelo método, argumentavam que os conteúdos da Lógica, mesmo com origens aristotélicas, deveriam estar presentes nos primeiros anos do grau menor. A constatação da superação do problema colocado foi-se demonstrando, progressivamente, na medida em que diversos alunos que não eram das Ciências ditas Exatas, mas da Saúde, das Sociais e, até da área da Humanidade, começaram a compreender e experimentar deduções e induções nos seus trabalhos acadêmicos, principalmente com base no material didático desenvolvido por três professores da UFS, contendo exemplos de exercícios pertinentes aos respectivos cursos ministrados por eles. O fato de metodologias baseadas no empirismo e, particularmente, de conteúdos pragmáticos e imediatistas, apenas para o desenvolvimento de projetos da pesquisa e da confecção dos TCC's, não arrefeceu os ânimos desses professores, ao notarem que disciplinas filosóficas, ministradas

²¹ Professor adjunto, da graduação e da pós-graduação – *lato sensu* - da UFS (1971-1995, aposentado); professor da ASA/Unit (1972-1992); professor da graduação e da pós-graduação da FANESE (1999-2020); Monitor de Metodologia da Ciência (UFPB, 1970); autor de manuais de Metodologia da Ciência, de Estatística e do GUIA de Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico; professor emérito nas três primeiras instituições mencionadas.

com o discurso científico, contribuíam para que ex-alunos, pediam aos mestres orientação para explicações e soluções científicas, como reforço à fundamentação teórica de trabalhos destes.

Palavras-chave: Metodologia e Filosofia da Ciência; Lógica; Racionalismo e Empirismo; Schlick; Bacon; Popper.

FILOSOFIA E MATEMÁTICA: DA MATHESIS UNIVERSALIS A LEWIS CARROLL

Profa. Dra. Olga Pombo²²

Resumo: Num primeiro momento, tomarei como referência a geometria de Euclides para apontar algumas das mais intensas articulações entre filosofia e matemática. Num segundo momento, mostrarei de que modo os projetos cartesiano e leibniziano de uma *mathesis universalis*, embora diferentes, têm em comum a constituição da matemática como modelo para a filosofia. O terceiro momento será dedicado à emergência das geometrias não euclidianas, ao seu poderoso impacto na matemática e na filosofia e à resposta (feliz) de um modesto professor de Lógica em Oxford que acabou por criar um dos mais importantes livros de ficção de todos os tempos.

Palavras-chave: *Mathesis Universalis*; Geometrias não Euclidianas; Lewis Carroll.

O OLHAR FEMININO DA FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA

Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra

Prof. Dr. Evaniel Brás dos Santos

Profa. Dra. Roberta Magalhães Miquelanti²³

²² Membro fundadora do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (CFCUL).

²³ Respectivamente: Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, e do dos programas de Pós-Graduações em Filosofia e em Ciências da Religião da UFS, pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPQ. Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe; líder do grupo de Pesquisa “Oficina de filosofia medieval e neoplatonismo” (UFS/CNPQ). Professora do curso de Filosofia e do programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia.

Resumo: A história da filosofia, entendida em suas fases históricas, foi sempre marcada por decisões e desconhecimentos. No primeiro caso, a opção por determinadas tradições ou pensadores definiu os grandes paradigmas em cada época. Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Hegel, Nietzsche são alguns nomes de filósofos “decisivos” quando se estuda ou se define os conteúdos a serem abordados nos manuais e cursos de Filosofia. No segundo caso, a decisão, como toda decisão, é recorte e, portanto, limite quando se trata de períodos amplos e complexos como é o caso do que se convencionou chamar de Idade Média. Período das “trevas”, da ignorância, de domínio da igreja católica, dos “santos” e das bruxas, etc. No entanto, um olhar atento e rigoroso sobre os textos produzidos, não somente por homens, mas mulheres, revela sempre muitas lacunas a serem exploradas e miopias suplantadas. Um exemplo disto é o conhecimento produzido pelas mulheres nos quase quinze séculos que separam o pensamento greco-romano e a filosofia moderna. Encobertas pelos aspectos doméstico e familiar que caracterizavam as relações sociais e políticas, as reflexões filosóficas, de muitas pensadoras, suplantaram os limites e estabeleceram visões universais de diversas ordens, dentre as quais, destacam-se a antropologia, a moral, a literatura, a medicina, a cosmologia, a teologia natural e arte. O conhecimento, nesse sentido, também foi entendido e desenvolvido como um modo feminino de reivindicar a liberdade pessoal e o direito de efetivar as várias potencialidades intrínsecas à natureza humana. Heloísa de Argenteuil, Hildegard Von Bingen e Christine de Pizan são pensadoras que estabeleceram, de modo radical, o que poderíamos chamar de um “olhar feminino” sobre o conhecimento. O objetivo dessa mesa é, assim, apresentar os pensamentos dessas três mulheres que fizeram da filosofia um espaço de liberdade e criação.

Palavras-chave: Mulheres; Filosofia; Idade Média; Conhecimento.

EXPOSIÇÃO DE DEUS ANTES DO ESPÍRITO FINITO? UMA VEZ MAIS A RELAÇÃO ENTRE *CIÊNCIA DA LÓGICA* E *FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO*

Prof. Dr. Arthur Grupillo Chagas²⁴

²⁴ Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

Resumo: Se, em Hegel, por um lado, a natureza não constitui um verdadeiro estorvo ao desenvolvimento do espírito, mas antes também a sua ocasião, por outro lado é imperioso demarcar obstáculos encontrados, justamente, numa investigação sobre os momentos de contingência contra os quais a lógica de Hegel estaria inevitavelmente represada. Tal questionamento logra partir do clássico problema da relação entre a lógica, ciência que supostamente consoma o saber absoluto, e a fenomenologia do espírito, experiência vivida e narrada da consciência até o conceito deste saber. Comparando interpretações que diagnosticaram o mesmo problema, não é possível encontrar outra saída, se não interrogar a própria ideia de que o projeto moderno possa ser radicalizado. Contingências demasiadas se impõem entre o sujeito que filosofa e tudo que ele tenta examinar e repor criticamente. Resiste ainda a religião? Prossegue ainda, mesmo nos termos filosóficos de uma intuição intelectual? As desilusões com a filosofia de Hegel são também desilusões com o conceito de uma modernidade absolutamente crítica e autofundamentada. Se é neste sentido que persistem a natureza e a matéria, para os jovens hegelianos, também é neste sentido que a religião recupera, pelo menos em parte, a importância aparentemente perdida.

Palavras-chave: Hegel; Ciência da Lógica; religião; Fenomenologia do Espírito.

BACON E OS ARTÍFICES DA MEMÓRIA

Prof. Dr. Edmilson Menezes Santos²⁵

Resumo: A modernidade, em especial o século XVII, identifica determinados usos da memória que merecerão um reexame do emprego de suas funções [falamos mais especificamente de uma arte da memória], destituindo aquela faculdade de seu aspecto mágico, sobrenatural e classificando-a entre as competências intelectivas cujo papel é associado a certa potência cognitiva. Embora considerada uma faculdade que abrange um conjunto de funções ativas, características dos seres vivos, uma resposta funcional, e, muitas vezes, complexa, que permite a organização da ação, a memória recebe, conforme Bacon, um tratamento que limita e, em muitas ocasiões, coloca essa capacidade numa posição puramente exuberante e, por isso,

²⁵ Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

seu campo de atuação descamba num ornamento do espírito muito mais do que numa faculdade que retém o passado como tal e pode restituí-lo, voluntariamente, sob a forma de lembranças precisas, determinadas e situadas. Nesta direção, o objetivo é apresentar o exame feito por aquele filósofo do emprego de tão importante fonte cognitiva a partir de uma arte da memória, de forma a indicar como a avaliação da retórica e do hermetismo acaba por revelar as insuficiências de uma adesão, por afinidades, daquela faculdade a estes dois tipos de empreendimentos de base mnemotécnica. Os artífices da memória, reduzindo as técnicas da arte da memória ao nível das insídias retóricas e mágicas, mostram-se inconciliáveis com o projeto baconiano de uma *scientia universalis, mater reliquarum*.

Palavras-chave: Bacon; Memória; Arte da memória; Hermetismo; Retórica.

MATTHIAS LUTZ-BACHMANN E A RELIGIÃO SEGUNDO A *DIALÉTICA DO ILUMINISMO*

Prof. Dr. Everaldo Vanderlei de Oliveira²⁶

Resumo: É precisamente como rompimento com a crítica tradicional da religião, especialmente a hegeliana-marxista, que Matthias Lutz-Bachmann defende a tese de que a *Dialética do Iluminismo*, de Horkheimer e Adorno, opera uma verdadeira “virada na filosofia da religião” na filosofia do século XX. Partindo do texto de Horkheimer “Pensamento sobre religião”, o autor identifica ali um conceito de Deus como “protesto”, uma ideia de justiça plena como “crítica ao existente”, como “rebelião contra a efetividade”, expressão que ressalta o pano de fundo hegeliano. Contudo, a perspectiva ali ainda é a de uma esperada construção de relações sociais e políticas mais justas pela luta do movimento operário. Uma *Dialética do Iluminismo* se impõe como necessária em virtude do fracasso do movimento operário e da depravação do socialismo de Estado, além, é claro, dos horrores totalitários, sem esquecer a dominação anônima das sociedades liberais. Aqui, os autores se afastam da crítica da ideologia e retornam a Hegel de maneira insuspeitada, pelo menos quanto ao método: a crítica do Iluminismo tem de vir de dentro, não de uma ideia mítica de religião, que reitere o poder da natureza; antes, tem

²⁶ Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

de vir de um conceito prático de religião, como momento interno e negação determinada do Iluminismo. Este conceito os autores encontram na religião judaica.

Palavras-chave: Adorno; Horkheimer; Dialética do Iluminismo; Religião.

O “APOCALIPSE LEIBNIZIANO” E O CONCEITO DO POLÍTICO

Prof. Dr. Ulysses Pinheiro²⁷

Resumo: A filosofia política de Leibniz se dirige, ao menos em sua face mais visível, às tarefas de fundamentar o poder estatal – por exemplo, através de sua “jurisprudência” universal, baseada na ideia de justiça como a caridade do sábio – e de imaginar meios práticos para fazê-lo melhor operar, através de inúmeros projetos filosófico-científicos e institucionais que iam da fundação de arquivos e academias a métodos de extração de minérios valiosos do solo do reino. Seria possível reconhecer aí, além disso, uma elaboração acerca da resistência ao poder soberano? Procuraremos responder a essa pergunta examinando o artigo 88 da *Monadologia*, no qual nos deparamos com uma tese que poderíamos chamar de “apocalipse leibniziano”.

Palavras-chave: Leibniz; Poder soberano; Resistência; Apocalipse.

A CONTRADIÇÃO COMPLETAMENTE DESENVOLVIDA: A FILOSOFIA DE LEIBNIZ SEGUNDO HEGEL

Prof. Dr. Marcos Fábio Alexandre Nicolau²⁸

Resumo: Nossa investigação realiza uma leitura imanente do texto da **Ciência da Lógica**, no primeiro volume da **Enciclopédia das Ciências Filosóficas** de G. W. F. Hegel, seguindo a logicidade interna do discurso do autor e obedecendo a articulação conceitual das categorias

²⁷ Departamento de Filosofia (IFCS/PPGLM/UFRJ), Professor colaborador do PPGFIL da UERJ; Pesquisador do CNPq. e-mail: ulyssespinheiro@gmail.com.

²⁸ Professor Adjunto dos Cursos de Graduação e do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UVA, além de colaborar no Mestrado Profissional em Filosofia UFC/UFPR. Coordena o Laboratório de Estudos Hegelianos – LEH/UVA. É membro do GT Hegel e do GT Leibniz da ANPOF, e da Associação Brasileira de Filosofia da Religião (ABFR). E-mail: marcos_nicolau@uvanet.br.

que o texto apresenta na seção *Objetividade* da *Doutrina do Conceito*, além da leitura da **Monadologia** e uma série de escritos de G. W. Leibniz sobre a temática, a fim de analisar a interpretação hegeliana dos mesmos quanto ao conceito de *mônada*. Sendo Hegel o último grande sistemático da tradição, e um dos últimos a focar seus esforços em buscar dar resposta às dificuldades que o debate pela substância suscitou, dificuldades estas que nascem concretamente do embaraço especulativo que se tem diante da pergunta: “o que é o ser?”, cremos ser a compreensão da mônada leibniziana em Hegel de vital importância para compreensão de seu sistema filosófico.

Palavras-chave: Leibniz; Hegel; Substância; Dialética.

LEIBNIZ E UMA FILOSOFIA DA DIFERENÇA

Prof. Dr. Cristiano Bonneau²⁹

Resumo: Um dos grandes movimentos do pensamento de Leibniz consiste em conciliar as noções de simplicidade e complexidade. Em grande medida esse é o substrato de sua noção de substância enquanto mônada e uma síntese decisiva para sua metafísica. Esta, por sua vez, intenta resguardar em si mesma, o desenvolvimento contido na ciência em geral, especialmente, nos avanços da física, da matemática e da lógica, esta última ainda formal, mas que caminha para as condições de sua formulação simbólica. Ora, uma possível tradução desse esforço hercúleo de inclusão de todas essas conquistas humanas no campo do pensamento e da linguagem correspondem às novas demandas de uma filosofia teórica e prática, adequada à realidade que se revela a cada novidade apresentada pelas ciências. Trataremos de uma filosofia da diferença enquanto identidade no pensamento leibniziano, como preparação do terreno, para uma concepção de conhecimento que se aponta para a complexidade.

Palavras-chave: Leibniz; Conhecimento; Identidade Diferença.

²⁹ Professor do Programa de Pós-Graduação (PPGF) e do Departamento de Ciências Sociais (DCS/CCA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: crbonneau1@gmail.com.

LEIBNIZ Y LAS CIENCIAS DE LA VIDA

Prof. Dr. Miguel Escribano Cabeza³⁰

Resumen: Esta ponencia tiene el objeto de mostrar la importancia que el desarrollo de las ciencias de la vida en la modernidad (medicina, anatomía, historia natural, microscopía, fisiología, química) tiene en la obra de Leibniz. Para ello atenderé primero a algunas fuentes que considero fundamentales para comprender el pensamiento filosófico-biológico de Leibniz (Galeno, Harvey, Swammerdam) para después ofrecer un informe sobre las obras más destacadas donde Leibniz desarrolla su concepción de la vida y los seres vivos. En este último punto haré mención tanto a la edición que preparo en castellano de estos textos, como al estado de la edición de los textos originales (muchos de ellos desconocidos incluso para los especialistas dado que se trata de manuscritos sin transcribir).

Palabras clave: G.W. Leibniz Galeno; W. Harvey; J. Swammerdam; ciencias de la vida; organismo; vida; mónada.

ACCIÓN DIVINA Y RESPONSABILIDAD HUMANA EN LEIBNIZ

Prof. Dr. Alfredo Gerardo Martínez-Ojeda³¹

Resumen: Los conceptos de omnisciencia y omnipotencia han representado, desde hace siglos, una seria dificultad para la consideración de la libertad y la responsabilidad humana. Si Dios sabe que voy a pecar o a comportarme virtuosamente, entonces, al parecer, es inevitable que efectivamente peque o me comporte virtuosamente. Sin embargo, si mi acción es inevitable ¿cuál es la razón por la que se me adjudica responsabilidad sobre ella? Desde su juventud, Leibniz encaró y trató de resolver este problema, el cual ofrecía tres vías de solución: en primer lugar, negar la omnisciencia y omnipotencia divinas a fin de afirmar la libertad y, con ello, la responsabilidad humana sobre sus acciones; en segundo lugar, negar la libertad humana para

³⁰ Profesor en la Universidad de Valencia-España y miembro del proyecto de investigación 'Leibniz en español', e-mail: miguel.escribano@uv.es.

³¹ Departamento Académico de Estudios Generales, Instituto Tecnológico Autónomo de México (ITAM).

salvar los atributos divinos y, finalmente, intentar reconciliar la aparente contradicción entre atributos divinos y libertad humana. Leibniz eligió la tercera vía.

Palabras clave: Responsabilidad; Leibniz; Determinismo; Libertad.

A CONTROVÉRSIA LEIBNIZ E LOCKE SOBRE O CONCEITO DE PESSOA MORAL: UMA INTRODUÇÃO

Prof. Dr. William de Siqueira Piauí³²

Resumo: Como sabemos, G. W. Leibniz (1646-1716) escreve os *Novos ensaios* em resposta ao *Ensaio sobre o entendimento humano* do filósofo inglês John Locke (1632-1704), e podemos dizer, com certeza, dadas as suas dimensões e a variedade de assuntos, que em nenhuma outra obra Leibniz trabalha mais exaustivamente a forma do diálogo, muitas vezes explicitando o desacordo profundo entre suas filosofias, daí principalmente seu caráter de controvérsia. O que pretendemos em nossa comunicação é, detalhando certos momentos dialógicos e recuperando certo papel que os conceitos de consciência, substância e mônada são chamados a desempenhar, mostrar como o capítulo XXVII, do livro II, dessas obras, ou seja, o capítulo sobre a identidade e a diversidade, apresenta um de seus momentos mais fundamentais e de maior desacordo ao recuperar, no caso dos *Novos ensaios*, já se valendo do conceito de mônada humana ou da reforma do conceito de substância, o problema que Leibniz vinha tentando resolver mesmo antes do *Discurso de metafísica*, conforme ficou registrado na carta ao teólogo luterano o abade Gerhard Wolter Molanus (1633-1722) de 1679, e atingirá, tomando como ponto de partida a argumentação desenvolvida naquele capítulo, sua formulação mais exaustiva e desenvolvida nos *Ensaio de teodiceia*. Com isso esperamos deixar claro que, tendo resolvido a parte mais importante do problema, ou explicitado aquilo que faz a base do *fatum christianum*, o capítulo XXVII, 1. II, dos *Novos ensaios* é uma excelente introdução ao que fundamenta os *Ensaio de teodiceia*.

Palavras-chave: Leibniz; Locke; Identidade; Sujeito; Ética.

³² Professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia e do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGFS-UFS) e líder do GEFILUFS (Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS), e-mail: piauiusp@gmail.com.

ALGUNAS NOTAS SOBRE DIMENSIÓN PRÁCTICA DE LA IDENTIDAD PERSONAL EN LEIBNIZ

Prof. Dr. Roberto Casales García³³

Resumen: De acuerdo con Alejandro Vigo, cuando hablamos sobre el problema de la identidad personal, podemos distinguir dos tipos de cuestiones: por un lado, aquellas cuestiones relativas a las notas constitutivas de la identidad personal; por otro lado, aquellas cuestiones sobre el criterio para sostener que una persona es la misma en dos contextos diferentes. Si analizamos la literatura especializada sobre la forma en que Leibniz aborda esta problemática, nos daremos cuenta de que gran parte de los comentaristas de Leibniz se enfocan sólo en el segundo tipo de preguntas, sin reparar en que su solución depende en cómo Leibniz trata de resolver el primer tipo de preguntas. En este trabajo de investigación nos enfocamos, en este sentido, en los aspectos prácticos de la identidad personal, los cuales son sus notas constitutivas.

Palabras clave: Leibniz; Identidad personal; Moral; Práctica.

FILOSOFIAS DE ONTEM E DE HOJE: UM OLHAR FILOSÓFICO A PARTIR DA AMÉRICA LATINA

Prof. Dr. Matheus Hidalgo

Prof. Dr. Evaldo Becker

Prof. Dr. Romero Junior Venâncio Silva

Prof. Dr. Antônio José Pereira Filho³⁴

Resumo: Nosso objetivo nesta mesa é apresentar uma visão geral sobre o legado do pensamento iluminista e dos movimentos de valorização e autonomia da América Latina. Num primeiro momento, mostraremos como os ideais de liberdade, igualdade e soberania oriundos de

³³ Profesor investigador y director académico de la Facultad de Filosofía de la UPAEP México, e-mail: roberto.casales@upaep.mx.

³⁴ Professores do Dep. de Filosofia (DFL-UFS) e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF-UFS).

filósofos e viajantes do Iluminismo são recebidos e oxigenados por Alexander Von Humboldt, Simon Bolívar e Darcy Ribeiro. Nesse sentido, para atingir nosso objetivo, examinaremos obras como *Quadros da Natureza e Relação histórica da Viagem às Regiões Equinociais do Novo Continente* de Humboldt, *Cartas e Discursos* de Bolívar e *O povo* de Darcy Ribeiro, bem como textos de autores contemporâneos tais como Enrique Dussel e Leopoldo Zea, que atualizam o pensamento latino Americano. Num segundo momento examinaremos o chamado negacionismo histórico, que, embora não seja levado tão a sério quanto deveria na academia, é amplamente difundido e pode ser visto, em grande medida, como fruto podre do relativismo desconstrucionista pós-moderno, ou seja, da perigosa indistinção entre realidade e ficção, entre verdade e representação, entre fato e interpretação. Desconfiamos das promessas não cumpridas do ideal de emancipação iluminista, que tanta barbárie e imoralidade produziu ao pretender justificar, em nome do progresso, a necessidade da escravidão, enquanto a Europa saqueava riquezas em terras tidas como de ninguém. Talvez um estudante de ensino médio em Lisboa, Berlim ou Paris aprenderá uma outra versão da história, mas e quanto a nós, os eternos colonizados, o que diremos aos jovens do nosso tempo? Que história contaremos ao futuro (se ainda houver futuro)? Nesse contexto, ainda, inserem-se algumas reflexões de filósofos como Walter Benjamin, Guy Debord e Merleau-Ponty, que, sob perspectivas distintas e bem afastadas da ilusão de qualquer iluminismo ingênuo, talvez contribuam ao debate acerca da situação social e política na qual nos encontramos atualmente.

Palavras-chave: Filosofia das Relações Internacionais; América Latina; Negacionismo Histórico; Política brasileira contemporânea.

A ESCOLA BRASILEIRA EM CRISE: O QUE A FILOSOFIA TEM A DIZER?

Profa. Dra. Carlota Boto
Prof. Dr. Christian Lindberg
Prof. Dr. Samuel Mendonça³⁵

³⁵ Respectivamente: Carlota Boto pertence ao corpo docente da Faculdade de Educação da USP e do Programa de Pós-graduação em Educação da USP; é bolsista produtividade do CNPq; e-mail: reisboto@usp.br. Christian Lindberg L. do Nascimento pertence ao corpo docente do Departamento de Filosofia da UFS e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFS; e-mail: christian.filosofia@academico.ufs.br. Samuel Mendonça pertence ao

Resumo: O objetivo dessa mesa é problematizar, sob o prisma filosófico, os dilemas da escola brasileira na atualidade. Parte-se da seguinte constatação: a escola passa por uma crise, situação que tem sido utilizada para justificar um conjunto de reformas que tendem a retirar-lhe os desígnios que a modernidade lhe proporcionou, a saber, a de ser uma instituição que ensine tudo a todos/as, de forma indistinta. Desse modo, pretende-se transitar por alguns temas que tem mobilizado a reflexão filosófica na área da educação, a saber: *homeschooling*, projeto Escola sem partido, autoritarismo, reformas educacionais, ideologia de gênero, reforma do ensino médio, BNCC, neoliberalismo, neoconservadorismo, etc. Como contraponto, busca-se identificar a escola como *locus* propício para a constituição de sujeitos autônomos, reflexivos, críticos, criativos e que exerçam a cidadania com base em princípios éticos e políticos. A crise da escola é, antes de tudo, uma oportunidade para (re)pensar sobre suas atribuições sociais, onde o caráter laico, público, plural, democrático, para todos/as e gratuito continuem sendo evidenciados. Por fim, para elucidar os temas em questão, os integrantes da mesa utilizarão como fonte filósofos/filósofas da educação.

Palavras-chave: Escola; Filosofia da educação; Neoconservadorismo; Neoliberalismo.

ASPECTOS DA QUERELA ENTRE EMPIRISTAS E RACIONALISTAS, SEGUNDO GALENO (IN: *DE SECTIS*)

Prof. Dr. Rodrigo Pinto de Brito³⁶

Resumo: Galeno foi um filósofo e médico que viveu entre os séculos II e III d.C., com escrita abrangente e obra monumental, somando quase metade de tudo que da língua grega antiga nos chegou, legando-nos tratados que versam desde metafísica, lógica e epistemologia, até metodologia médica, anatomia, nosologia, farmacologia e etc. Nosso objetivo hoje é tratar de aspectos da querela entre Racionalistas e Empiristas (a primeira na história da filosofia a se dar nestes termos) conforme narrada por Galeno em *De Sectis*, obra que traduzimos e que será publicada em 2022 pela EdUNESP, em versão bilíngue, espelhada e comentada, a partir da

corpo docente da PUCCamp e preside a Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação (SOFIE); é bolsista produtividade do CNPq; e-mail: samuels@gmail.com.

³⁶ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e dos Programas de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ e da UFS, e do Programa de Pós-graduação em Metafísica da UnB.

fixação textual de Kuhn. Ademais, como os aspectos que trataremos dizem respeito não exclusivamente à medicina, antes, são mais abrangentes e remetem-se às fundamentações teóricas e filosóficas para as epistemologias e metodologias dos Empiristas (também chamados de Observantes) e dos Racionalistas (também chamados de Dogmáticos), poderemos entrever possibilidades de reconstruir as filosofias Empiristas ou Observantes e Racionalistas ou Dogmáticas do período de Galeno, relacionadas, respectivamente, ao Ceticismo Pirrônico e ao Estoicismo e ao Aristotelismo.

Palavras-chave: Galeno; Tradução; De Sectis; Empirismo; Racionalismo; Pirronismo.

VISÕES DO ACONTECIMENTO: HEIDEGGER E BERGSON

Prof. Dr. Fernando Monegalha³⁷

Resumo: Em nossa fala, partiremos da seminal conferência proferida por Heidegger em 1962, intitulada *Tempo e ser*. Nessa conferência, Heidegger retoma a questão do sentido do ser, que norteia quase todo o seu trabalho filosófico precedente, pensando-a a partir do horizonte da temporalidade (o que era meta proposta de *Ser e tempo*). Heidegger, contudo, radicaliza sua proposta inicial, buscando pensar o que é que “dá” ser e tempo, chegando com isso à noção de *Ereignis* (traduzida por vezes como “acontecimento apropriador”). Procuraremos a partir disso pensar o acontecimento apropriador como o abrir-se do aberto, este último pensado a partir do conceito de *instante*, seguindo para tanto alguns passos sugeridos em *Contribuições à filosofia: do acontecimento apropriador*. A seguir, buscaremos contrapor a visão do acontecimento de Heidegger com aquela sugerida por algumas interessantes leituras da obra de Bergson, que veem nesta diversos elementos para se pensar uma filosofia do acontecimento. Partindo de *A energia espiritual* e de *Matéria e memória*, procuraremos mostrar que a ideia de uma irrupção constante do próprio tempo não é de toda estranha a Bergson, e que a teoria dos graus de duração, peça central da filosofia bergsoniana, provê elementos bastante relevantes para se pensar a própria noção de acontecimento, na medida em que ela nos permite pensar o processo gradativo de temporalização deste último. Ainda assim, há em Bergson um primado da

³⁷ Professor do curso de filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Membro do PPGFIL-UFAL. E-mail: fmonegalha@uol.com.br.

continuidade que contrasta com o caráter aparentemente descontínuo do próprio acontecimento, o que talvez torne inconciliável sua visão com aquela proposta por Heidegger.

Palavras-chave: Acontecimento; Tempo; Duração; Bergson; Heidegger.

EXPANSÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - UMA EXPERIÊNCIA NORDESTINA

Prof. Dr. Marcus J. Alves de Souza

Resumo: a expansão da pós-graduação em Filosofia é um fato histórico inegável dos últimos anos, especialmente, no Nordeste Brasileiro. Este processo de expansão está ligado a uma série aspectos históricos e conceituais sobre como fazer um processo de desenvolvimento da pesquisa filosófica institucionalmente. As conquistas do PPGFIL-UFS dão a dimensão desta expansão. Esta comunicação pretende ser um ensaio acerca da experiência histórica de estar envolvido neste processo de expansão em vários níveis (pesquisador, professor e gestor). Igualmente, refletir sobre aspectos conceituais que envolvem a construção e manutenção de uma pós-graduação em Filosofia no Nordeste Brasileiro. Buscarei contextualizar historicamente aspectos desta expansão da pós-graduação em Filosofia, através de elementos da experiência da construção do PPGFIL-UFAL (eventos políticos, parcerias, ações, institucionalizações, concepções, vicissitudes etc.), tentando responder qual o significado de uma pós-graduação em Filosofia no Nordeste Brasileiro no contexto atual. Tentando, em perspectiva, tematizar traços conceituais da Pós-graduação em Filosofia no Brasil.

Palavras-chave: Filosofia; Pós-graduação; Nordeste Brasileiro.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O BUDISMO NA OBRA DE NIETZSCHE

Prof. Dr. Derley Menezes Alves³⁸

³⁸ Professor da Coordenadoria de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) do Instituto Federal de Sergipe (IFS).

Resumo: Referências ao budismo são encontradas ao longo de toda obra de Nietzsche, seja nos livros publicados, no Nachlass (espólio) ou nas cartas escritas pelo filósofo. Tais referências apontam certo interesse do autor pelo budismo e a percepção de que esta tradição religiosa teria algo a dizer relevante no contexto da filosofia de Nietzsche e tal presença levou vários estudiosos a afirmar uma semelhança entre teses budistas e as teses da filosofia de Nietzsche, notadamente as obras de Freny Mistry, Robert Morisson e Antoine Panaioti. A pergunta que fazemos é: defender uma semelhança entre a filosofia de Nietzsche e teses budistas é uma postura sustentável? Um primeiro passo para responder esta pergunta passa por uma análise das ocorrências do budismo na obra do autor em questão, ou seja, discutindo que tipo de assunto Nietzsche menciona fontes budistas e tais fontes o levam a que tipo de conclusão acerca do budismo? há uma evolução na compreensão desse autor acerca do budismo? O conhecimento de Nietzsche acerca do budismo era profundo, derivado de fontes diretas ou ele se baseava em estudos acerca do budismo? O objetivo deste texto é lançar alguma luz acerca dessas questões bem como apresentar considerações sobre como investigar as fontes lidas pelo autor.

Palavras-chave: Budismo; Nietzsche; Niilismo; Orientalismo.

TÓPICOS SOBRE EROS NA FILOSOFIA DE PLATÃO

Prof. Me. Tiago do Rosário Silva³⁹

Resumo: A inserção de Diotima no discurso de Sócrates é cirúrgica, a partir da qual se aprofunda todo um debate um acerca do amor. Seu ponto de partida é o questionamento da necessidade de oposição entre belo e feio, por meio da pergunta: que não sendo belo, αἰσχρὸς ἄρα ὁ Ἔρως ἐστὶ καὶ κακός “é então feio e mau o amor?” (*Banquete*, 201e). Esta questão é fulcral para toda a primeira parte de discurso de Diotima, de onde se inferirá apontamentos acerca da natureza de *eros*, o que nos leva a investigar os sentidos pelos quais *eros* pode ser entendido no contexto de seu ensinamento a Sócrates. Para tanto, nosso trabalho visa investigar os temas relacionados a esta pesquisa socrática proposta no *Banquete*, que faz o filósofo desistir

³⁹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente é doutorando no Programa Integrado de Doutorado em Filosofia UFPB-UFPE-UFRN. É professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). E-mail: tiago.rosario@ifpb.edu.br.

de competir com seus antecessores, e produzir um *discurso outro*; na verdade, um discurso mediado pela boca de Diotima. A pergunta central é “amor é amor de algo ou de nada”, de onde se extrai a necessidade de que sejam avaliados temas como o do *desejo e*, posteriormente *sabedoria*, fortemente ligados ao problema de Eros na filosofia de Platão. De tal maneira, uma investigação acerca do desejo remete a um outro ponto elementar, as noções de *eromenos e erastes*, abordadas no contexto das relações amorosas.

Palavras-chave: Eros; Amor; Desejo; Sabedoria.

A RELEVÂNCIA DA FILOSOFIA E SEU PAPEL NO ENFRENTAMENTO DOS DESAFIOS DA VIDA CONCRETA

Prof. Dr. Valter Duarte (Odará)⁴⁰

Resumo: Nos últimos anos, o número de pessoas não acadêmicas em busca de textos de conteúdo exclusivamente filosófico tem crescido de forma notável. Isso nos põe diante da questão acerca das razões por trás dessa busca. Centrados no aspecto de sua utilidade, desafiaremos a noção de “filosofia” como um exercício meramente intelectual, não produtor de resultados práticos e despreocupado com a realidade concreta, muito comum nos mais diversos círculos sociais, visando lidar com essa questão a partir de ângulos não abordados com frequência pelas pessoas que chegaram a essa conclusão. A proposta da apresentação é partir da noção clássica africana de filosofia e de algumas circunstâncias ilustrativas exemplares para discutir o caráter concretamente efetivo do exercício sistemático do pensamento crítico e algumas de suas possíveis aplicações práticas.

Palavras-chave: Filosofia; Filosofia Clássica Africana; Teoria do conhecimento.

REALISMO E ANTIREALISMO NA MATEMÁTICA

⁴⁰ Valter Duarte (Odará) é Doutor em Filosofia (UERJ), Mestre em Filosofia (UFS), Graduado em Filosofia (UFS), Escritor, membro fundador do Centro Cultural, Artístico e Esportivo Punhos de Ouro (CCAESPO-SE) e Coordenador do Grupo de Estudos Rekheth Kilombo Intelectual (RKI-SE).

Prof. Dr. Alessandro Bandeira Duarte

Prof. Dr. André Pontes

Profa. Ma. Daniela Soares ⁴¹

Resumo: Na filosofia da matemática contemporânea, um debate importante diz respeito ao status ontológico dos números. Em particular, os realistas sustentam que números são objetos. Por outro lado, os antirrealistas rejeitam o carácter objectual dos números. O objetivo da mesa é discutir algumas visões centrais dentro desse debate: redução dos números a conjuntos; platonismo matemático; e estruturalismo matemático.

Palavras-chave: Realismo; Antirrealismo; Platonismo matemático; Estruturalismo matemático; Teoria de conjuntos.

PODERÁ O PLATONISMO DA PLENITUDE SER FORMALMENTE E COERENTEMENTE INTERPRETADO?

Profa. Ma. Daniela Soares⁴²

Resumo: Tradicionalmente, a visão platonista da matemática consiste fundamentalmente na tese segundo a qual as verdades matemáticas são acerca de entidades sem localização espaciotemporal cuja existência independe de quaisquer crenças ou teorizações humanas. Nessa perspectiva, as afirmações mais simples da aritmética, por exemplo, são acerca de objetos, tal como a afirmação contida na frase “Platão é mortal” também o é: o nome próprio contido nessa frase refere a pessoa Platão e, analogamente, o numeral “3” — contido na frase “3 é um número primo” — refere o número 3. Os referentes dos termos “Platão” e “3” têm, contudo, naturezas distintas, dado que no primeiro caso trata-se de um objeto espaciotemporal e no segundo, de um objeto abstrato. Ao adicionarmos ao platonismo tradicional o princípio da plenitude segundo o qual todos os objetos matemáticos que logicamente poderiam existir existem,

⁴¹ Respectivamente: Alessandro Bandeira Duarte - Professor associado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Email: dedekindbr@nulfic.org. André Pontes - Professor adjunto na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Email: philospontes@gmail.com. Daniela Soares - Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Lógica e Metafísica (PPGLM-UFRJ). Email: danielams.d@gmail.com.

⁴² Doutoranda do PPGLM da UFRJ, sob a orientação do Prof. Guido Imaguire e com o apoio financeiro da 1 FAPERJ.

obtemos aquilo a que podemos chamar platonismo da plenitude. Greg Restall (2003) apresenta uma série de objeções inter-relacionadas contra tal forma de platonismo, procurando mostrar, basicamente, que um de seus principais defensores — a saber, Balaguer (1998) — não desenvolveu uma versão plausível de platonismo matemático. Nessa comunicação, apresento a primeira parte dessas objeções — nomeadamente, a parte na qual Restall tem por objetivo mostrar que interpretado formalmente, o princípio da plenitude implica uma contradição —, chamando a atenção para o fato de que Balaguer já havia concebido esse tipo de objeção contra a sua posição e fornecido-lhe uma réplica plausível.

Palavras-chave: Metafísica; Platonismo; Platonismo da plenitude.

‘SATZ’ COMO ‘BILD’ E ‘SATZ’ COMO ‘MAßSTAB’: O DESENVOLVIMENTO DE UMA METÁFORA.

Prof. Dr. Marcos Silva⁴³

Resumo: Uma característica que torna a língua alemã filosoficamente atraente é a impressão comum de que, nela, parece haver uma palavra para cada nuance de sentido. Podemos observar, contudo, que muitas noções centrais para a Filosofia de Wittgenstein são palavras alemãs vagas ou ambíguas: como ‘Satz’, ‘Bild’, ‘Deutung’, ‘Spiel’, ‘Maßstab’ etc. Esta contribuição defenderá que esta polissemia pode ser também filosoficamente relevante. Para tanto, vamos tomar como exemplo a evolução da metáfora de réguas (Maßstäbe). Esta foi apresentada marginalmente no *Tractatus* (1918) para ilustrar como determinamos o sentido de proposições (significativas). A partir de 1929, após alguns problemas lógicos acerca do estatuto da necessidade e da exclusão em alguns domínios linguísticos (como na atribuição de cores a pontos visuais e de graus a qualidades empíricas), a metáfora de réguas toma gradualmente a centralidade da discussão. Nesta palestra, investigaremos, dentre outras coisas, como e por que esta metáfora motivou a emergência das discussões de normatividade na Filosofia de Wittgenstein no começo da década de 1930. Isto pode ser explicado porque réguas (Maßstäbe) não são só instrumentos de medida, mas também são objetos de referência. 'Maßstäbe', em

⁴³ Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e membro do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFS (PPGF-UFS).

alemão corrente, significa, muitas vezes, critérios ou regras, largamente convencionais, pelos quais outras coisas são avaliadas.

Palavras-chave: Língua alemã; Wittgenstein; Tractatus; Metáfora; Normatividade.

INCERTEZAS FILOSÓFICAS SOBRE CERTEZAS CIENTÍFICAS: ESPECULAÇÕES CRIATIVAS A PARTIR DE WHITEHEAD E HARAWAY

Profa. Dra. Juliele Maria Sievers⁴⁴

Resumo: A presente proposta visa discutir a questão do método científico baseado em padrões de neutralidade e objetividade, que foram e continuam sendo amplamente questionados pela crítica feminista. Se tal crítica ao modelo canônico de ciência já é bem desenvolvida por uma série de autoras, pretendemos aqui explorar mais especificamente o resgate feito por Donna Haraway (1988; 2013) da filosofia de Alfred North Whitehead (1967) acerca da relação entre o ser humano e a natureza. A partir deste pano de fundo teórico, iremos, em nossa abordagem, aprofundar especificamente a noção de criatividade dentro da prática científica, e como ela pode ser articulada em termos de criação de mundos representados em experimentos mentais ou, mais elaboradamente, pela literatura, em específico a literatura de ficção científica.

Palavras-chave: Método Científico; Experimentos mentais; Epistemologia; Literatura; Criatividade.

TEORIAS JURÍDICO-FILOSÓFICAS E POLÍTICAS DE NACIONALIDADE E IMIGRAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: UM RECORTE ACERCA DA RACIALIZAÇÃO DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO NO PAÍS

⁴⁴ Professora do Programa de Pós-Graduação (PPGFI) e do Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação (PPGFI) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: juliele.sievers@ichca.ufal.br

Resumo: Os Estados Unidos possuem o maior sistema de detenção de imigrantes do mundo, com 135 centros de detenção. Este sistema foi construído ao longo de várias décadas, durante as quais a sociedade se tornou cúmplice da criação dos centros de acolhimento. Todavia, antes mesmo disso, o sistema jurídico foi forjado para considerar a não oferta ou aplicação de direitos constitucionais a estrangeiros. No final do século XIX, quando os estados modernos usaram a soberania para selecionar quais movimentos de pessoas através das fronteiras seriam aceitos, os EUA criaram um aparato legislativo e burocrático para as práticas de imigração. A detenção, inicialmente proibida, foi posteriormente vista como uma forma auxiliar de classificação e seleção dos migrantes. Com o aumento do número de imigrantes, as práticas declaradas excludentes nos Estados Unidos, embora inicialmente excepcionais, foram consideradas constitucionais e tornaram-se um elemento essencial na racialização do processo de imigração. O raciocínio político e judicial endossava a ideia de que o controle dos movimentos migratórios, inerente à soberania e derivado do nacionalismo, estava fora do ordenamento jurídico regular. Com base nessa premissa, o presente trabalho tem como objetivo apresentar teorias jurídico-filosóficas que embasaram a Constituição de 1787 e embates, dicotomias e incongruências acerca da aplicação do Bill of Rights de 1791 em relação a regulamentações sobre nacionalidade e imigração nos Estados Unidos em que situações de discriminação relacionadas à marcadores sociais como origem, gênero e etnia foram fundamentais para a racialização da temática no país.

Palavras-chave: Estados Unidos da América; Nacionalidade; Imigração; Direitos Constitucionais; Racialização.

OS ATEUS DE JOHN LOCKE: ESTADO DE NATUREZA E O QUADRO MORAL DAS GENTES

⁴⁵ Professora do Programa de Pós-Graduação em Direito (PRODIR) e do Departamento de Relações Internacionais (DRI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: flaviadeavila@gmail.com. O presente trabalho foi feito com colaboração da Profa. Dra. Anaíd Yerena, da Escola de Estudos Urbanos (Urban Studies School) e do Programa de Mestrado em Planejamento Comunitário (M.A. Community Planning) da Escola de Estudos Urbanos da Universidade de Washington. E-mail: yerena@uw.edu.

Resumo: O pensamento social de Locke é desenvolvido tendo em conta relatos que compõem um conhecimento acerca de povos distantes. Ao longo do Ensaio sobre o entendimento humano, Locke traz diversas menções de relatos de viagens a diversas terras ao longo do globo terrestre, ao Brasil, em Sião, à China, à África, ao Oriente Médio, aos povos do norte. Essa estratégia no Ensaio tem a função de fundamentar um quadro bem diversificado das crenças e dos costumes dos povos ao longo do globo. A partir do quadro moral das gentes, questionamos o seguinte, a filosofia de Locke permite sustentar que a moralidade e a sociabilidade dependem do conhecimento de Deus? Isto porque, no interior dessas discussões, o problema da existência de sociedades ateias e de ateus estava presente tanto nos relatos de viagens, quanto nas obras do próprio filósofo inglês. Veremos que mesmo nas sociedades europeias modernas, esse tipo natural que é o ateu continua a existir, algo que denota que Locke pensava que o ateu é efetivamente uma condição natural da humanidade. E esse é o grande problema da Carta sobre a tolerância se sustentar enquanto negação da tolerância ao ateu. Com a sociabilidade política e o aprofundar dos costumes, as crenças em divindades podem ser desenvolvidas, inclusive a ideia de Deus. Entretanto, isso não corresponde necessariamente a um avanço civilizacional, nem também é consenso universal, às vezes pode ser somente uma regra moral mais adequada à determinada vida social.

Palavras-chave: Locke; Ateus; História natural; Literatura de viagem; Diversidade das gentes.

EDUCAÇÃO E LIBERDADE DE (DES)CRENÇA

Prof. Dr. Marcelo de Sant'Anna Alves Primo⁴⁷

Resumo: Quando falamos do binômio educação e liberdade de (des)crença, não nos parece, na prática, termos muitas perspectivas de uma harmonia razoável entre uma coisa e outra. Devido a toda sorte de preconceitos velados e escancarados adentrarem-se nas salas de aula aliados à

⁴⁶ Professor do Colégio de Aplicação, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e do Programa de Pós-Graduação Profissional para o Ensino das Ciências Ambientais, ambos da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: saulohenrique@academico.ufs.br.

⁴⁷ Docente de Filosofia do Colégio de Aplicação da UFS e docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFS.

soberba e falta de conhecimento, fica evidente o tom de uma certa pedagogia amparada em opiniões apressadas, sendo dispensado saber minimamente do que se está falando. Assim sendo, qual o papel efetivo da educação no que concerne à preparar de forma consistente para ser cidadão, fazendo ter consciência de que, além da existência de diversas formas de crer – e de descreer também – é totalmente legítimo discordar de uma religião e educação vigentes desde que se apresente sólidos fundamentos para tal? Essa é a questão principal que discutiremos na apresentação do nosso trabalho na XXII Semana de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

Palavras-chave: Educação; Filosofia; Liberdade; Descrença.

MINICURSOS

LOGICISMO EM FREGE

Alessandro Bandeira Duarte (UFRRJ)

RESUMO: O objetivo do minicurso é oferecer ao participante uma introdução aos conceitos-chave da filosofia da matemática de Frege e apresentar a defesa dele do projeto logicista em relação à aritmética, cuja tese central é a redução dessa ciência à lógica.

Palavras-chave: Logicismo; Frege; Filosofia da Matemática; Lógica; Aritmética.

Ministrante	
Prof. Dr. Alessandro Bandeira Duarte (UFRRJ)	Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001), mestrado e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2004; 2009). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia da Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Princípios de Abstração Fregeanos, Neo-Logicismo e Neo-Fregeanismo. Contato: Alessandro Bandeira Duarte (UFRRJ) dedekindbr@nulfic.org
Carga horária e Local	4h/a Sala 01
Data e Horário	29/11 a 30/11 Segunda-feira e terça-feira - Horário 14:00 às 16:00.
Vagas	50 vagas

Referências bibliográficas

FREGE, G. *Conceitografia*: uma linguagem formular do pensamento puro decalcada sobre a aritmética. Tradução, introdução e notas de Paulo Alcoforado, Guilherme Wyllie e Alessandro Duarte. Seropédica, RJ: PPGFIL-UFRRJ, 2018. Disponível em: <http://nulfic.org/publicacoes/traducao-do-livro-begriffsschrift-de-gottlob-frege/>

FREGE, G. *Os fundamentos da aritmética*. Tradução, prefácio e notas de Antônio Zilhão. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1992.

O PROBLEMA DOS FUTUROS CONTINGENTES: AGOSTINHO, BOÉCIO E OCKHAM

Nilo César Batista da Silva (UFCA)

William Saraiva Borges (UFPel)

RESUMO: O minicurso pretende apresentar a recepção medieval do problema dos futuros contingentes, formulado e discutido por Aristóteles no nono capítulo de seu *Peri Hermeneias*. A expressão “futuros contingentes” foi cunhada na modernidade, mas a formulação inicial do problema já se encontra na filosofia de Aristóteles. Séculos depois, Agostinho de Hipona quando trata da Presciência divina e da liberdade no plano da contingência humana, evoca a questão dos futuros contingentes para a mundividência latina. Severino Boécio (475-523) ao traduzir Aristóteles para o latim apresenta o problema para a Idade Média. Desde então, a cultura helenística se tornou o espaço privilegiado de discussão dos problemas em torno da liberdade humana e do destino do homem. Com efeito, se na antiguidade tardia os futuros contingentes já eram considerados um problema a se colocar para a filosofia, de fato, na Idade Média, a questão se torna uma disputa, visto que a filosofia cristã admite o princípio de um Deus único, criador e ordenador de todas as coisas que não admite contradição entre ser e não-ser. A questão que se põe para a filosofia consiste em saber como conciliar a ideia de um Deus onisciente/presciente e providente com a liberdade do homem, lugar da contingência. O ponto culminante da disputa se encontra posteriormente na Escolástica com a resposta de Ockham ao problema dos futuros contingentes, onde revela, claramente, sua postura no que tange às relações entre fé e razão: trata-se de uma efetiva e radical separação entre a Filosofia (aqui representada por Aristóteles) e a Teologia (as Sagradas Escrituras e os Doutores da Igreja). Embora, filosoficamente, não seja possível saber como Deus conheça os futuros contingentes de modo que eles permaneçam contingentes e, ao mesmo tempo, se garanta a liberdade humana, teologicamente, ao invés, esse artigo de fé está Revelado pelas Escrituras e confirmado pelos Santos.

Palavras chaves: Ontologia; Conhecimento; Contingência; Liberdade; Medieval.

Ministrante	
Prof. Dr. Nilo César B. Silva	Professor de Filosofia Medieval na Universidade Federal do Cariri (UFCA), Membro Permanente do Programa de Pós-graduação em Filosofia PPGFIL/UFS. Doutor em Filosofia pela Universidade do Porto, Portugal (U. Porto), Mestre em Filosofia (UFRN), Bacharel em Filosofia (FCF), Membro da Société Internationale pour l'Etude de la Philosophie Médiévale SIEPM. Investigador colaborador do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, no âmbito <i>Research group Reason and Nature</i> . Contato: Nilo César Batista da Silva (UFCA) nilobsilva@gmail.com
William Saraiva Borges	Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-graduação em Filosofia PPGFil/UFPel – Mestre em Filosofia e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas UFPel. Membro-fundador da Sociedade Brasileira para o Estudo da Filosofia Medieval. Pesquisa Filosofia Medieval desde 2015, estudos concentrados em autores da “Escola Franciscana” na Escolástica, especialmente em Filosofia Política de Guilherme de Ockham. Contato: William Saraiva Borges (UFPel) saraiva.borges@gmail.com
Carga horária e Local	4h/a Sala 01
Data e Horário	01/12 e 02/12 Quarta-feira e quinta-feira - Horário 14:00 às 16:00
Vagas	50 vagas

Referências bibliográficas:

Fontes:

AGOSTINHO, SANTO. *A cidade de Deus*, tradução de J. Dias Pereira. Lisboa, Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991-1995.

AGOSTINHO, SANTO. *Diálogo sobre o Livre Arbítrio*. Tradução, introdução e notas de Paula Oliveira e Silva. Edição bilingue português/latim. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2001.

BOÉCIO, Severino. *A consolação da filosofia*, Livro V. Tradução de Willian Li. 2ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 2012.

OCKHAM, Guilherme de. *Tratado sobre a predestinação e a presciência divinas e os futuros contingentes*. Tradução de Carlos Eduardo de Oliveira. In: OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. *Entre a Filosofia e a Teologia: os futuros contingentes e a predestinação divina segundo Guilherme de Ockham*. São Paulo: Paulus, 2014, pp. 225-258.

OCKHAM, Guilherme de. *Exposição para o “Sobre a Interpretação” de Aristóteles [livro I]*. Tradução de Carlos Eduardo de Oliveira. In: OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. *Entre a Filosofia e a Teologia: os futuros contingentes e a predestinação divina segundo Guilherme de Ockham*. São Paulo: Paulus, 2014, pp. 145-223.

Estudos:

OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. *Entre a Filosofia e a Teologia: os futuros contingentes e a predestinação divina segundo Guilherme de Ockham*. São Paulo: Paulus, 2014.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. *Entre Aristóteles e a fé: Guilherme de Ockham e a determinação da verdade nas proposições sobre o futuro contingente*. Curitiba, São Carlos, vol. 7, n. 1, 2010, p.137-169.

BORGES, William Saraiva E Pedro Leite JÚNIOR. A relação entre fé e razão em Guilherme de Ockham, IN *Fé e Razão na Idade Média*. Porto Alegre RS, Editora Fi, 2019, p. 187-206

PIAUI, William de Siqueira. *Aristóteles e Boécio: natureza das coisas e eternidade de Deus*. Agora Filosófica – UNICAP. Recife, Ano 1, n. 1, p. 1-19, jul./dez. 2007.

_____. *Boécio e o problema dos futuros contingentes*. Princípios. Natal, v.15, n.23, p. 205-232. jan./jun. 2008.

ALGUMAS QUESTÕES DE MÉTODO EM HISTÓRIA DA FILOSOFIA: SOBRE ALGUNS MOTIVOS PARA A SELEÇÃO E TRADUÇÃO DE CERTOS TEXTOS

O Manguezal – Revista de Filosofia

São Cristóvão/SE, v.2, n. 11, jul. - dez. 2021, ISSN: 2674-7278.

RESUMO: Toda disciplina tem uma certa variedade de métodos mais ou menos aceitos dentro do círculo daqueles que a praticam, com a história da filosofia não é diferente e é justamente sobre certo número de métodos adotados por aqueles que se consideram historiadores da filosofia e mesmo filósofos mais associados à tradição continental que pretendemos falar em nosso mini-curso. Pretendemos problematizar alguns dos motivos que fundamentam a tradução de uma certa série de textos, etapa fundamental também da decisão de uma certa seleção de textos, para o estabelecimento de certo corte epistemológico que precisa melhor o que pretende certo filósofo estudado a depender da época em que ele produziu seu texto. Também pretendemos problematizar os métodos mais verticais com cortes epistemológicos muito bruscos e mesmo horizontais, mas sem a devida fixação de certos cortes epistemológicos, utilizaremos as leituras de Leibniz feitas por G. Deleuze, M. Fichant, F. Nef, F. De Buzon, dentre outros, para tentar fixar as vantagens da adoção de certa metodologia, do estabelecimento da horizontalidade de certas problemáticas e da fixação de certos cortes epistemológicos da obra do filósofo de Hanôver.

Palavras chaves: História da Filosofia; Comentário; Tradução; Corte epistemológico.

Ministrante	
Prof. Dr. William de Siqueira Piauí	<p>Professor de História da Filosofia Moderna e Filosofia da Linguagem no Dep. de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (DFL-UFS), Membro Permanente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGF-UFS). Bacharel, Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade São Paulo (USP). Líder do GEFILUFS (Grupo de Estudos sobre Filosofia da Linguagem da UFS). Um dos tradutores dos <i>Ensaio de teodiceia</i> de Leibniz, um dos autores dos livros <i>Mônada e ainda uma vez substância individual</i> e <i>Leibniz e a linguagem (I)</i>; livros que, com mais alguns artigos e traduções, fornecerão o material principal do mini-curso em questão.</p> <p>Contato: William de Siqueira Piauí (UFS) piauiusp@gmail.com</p>

Carga horária e Local	4h/a Sala 03
Data e Horário	30/11 e 01/12 Terça- feira e quarta-feira - Horário 14:00 às 16:00
Vagas	Quantos forem os que queiram assistir.

Referencias bibliográficas:

ABBAGNANO, N.. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi et al. São Paulo: Martins fontes, 2000.

BOÉCIO, Anicius Manlius T. S. “Comentário de Boécio ao §9 do Da interpretação de Aristóteles”. Trad. William de Siqueira Piauú e Juliana Cecci Silva. In *Prometeus* (UFS), ano 8, n 17, p. 187.

LEIBNIZ, G. W. *Discours de métaphysique et autres textes*. (estabelecido, apresentado e com notas de Christiane Frémont). Paris: Flammarion, 2001.

LEIBNIZ, G. W. *La monadología* (Bilingüe). Trad. Virginia Naughton. Buenos Aires: Quadrata, 2005.

LEIBNIZ, G. W. *Novos ensaios*. Trad. João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

LEIBNIZ, G. W. *Nouveaux essais*. Paris: Flamarion, 1990.

LEIBNIZ, G. W. *Confessio philosophi*. Trad. Ivon Belaval. Paris: J. Vrin, 1993.

LEIBNIZ, G. W. *Discours de métaphysique et autres textes*. (estabelecido, apresentado e com notas de Christiane Frémont). Paris: Flammarion, 2001.

LEIBNIZ, G. W. *La monadología* (Bilingüe). Trad. Virginia Naughton. Buenos Aires: Quadrata, 2005.

LEIBNIZ, G. W. *A. Arnauld: Correspondencia completa* (ed. J.A. Nicolás). Editorial Comares: Granada, 2010.

LEIBNIZ, G. W. *Ensaio de Teodiceia*. Trad. William de Siqueira Piauú e Juliana Cecci Silva. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2013.

LEIBNIZ, G. W. “Carta de Leibniz a Molanus sobre Deus e a alma (1679?)”. Trad. William de Siqueira Piauú e Juliana Cecci Silva. In *O manguezal* (UFS), v.1, n. 7, jul./dez. 2020, p. 170-9.

LEIBNIZ, G. W. “Carta de Leibniz à princesa Sofia” [Hanôver, 31 de outubro de 1705]. Trad. William de Siqueira Piauú e Juliana Cecci Silva. In <http://leibnizbrasil.pro.br/>.

- LOCKE, J. *Ensaio sobre o entendimento humano*. Trad. Pedro Paulo G. Pimenta. São Paulo: Martins fontes, 2012.
- PIAUI, W. S. (Org.). *Mônada e ainda uma vez substância individual: introduções à filosofia leibniziana da substância, da unidade e da mônada*. Porto Alegre – RS: Editora Fi, 2021 (no prelo).
- PIAUI, W. S. “Leibniz e a Biologia: notas introdutórias”. In *Revista Helius* (UVA), Sobral, v. 3, n. 2, fasc. 1, p. 424-465, 2020.
- PIAUI, W. S. (Org.). *Leibniz e a linguagem (I): línguas naturais, etimologia e história*. Curitiba: Kotter Editorial, 2019.
- PIAUI, W. S. “A controvérsia Leibniz e Locke quanto ao conceito de pessoa moral: uma outra introdução aos Ensaio de teodiceia”. In *Revista Helius* (UVA), Sobral, v. 3, n. 1, p. 70-103, 2020.
- PIAUI, W. S. “O Leibniz de Deleuze: uma introdução à Lógica do sentido”. In *Escritos de Filosofia: linguagem e cognição*. (Org.) SOUZA, Marcus José Alves de e LIMA FILHO, Maxwell Moraes. Porto Alegre: Ed. Fi, 2019.
- PIAUI, W. S. “Leibniz e o incomparável manual de Epicteto: a propósito da crítica à arte da paciência de Descartes”. In *Prometeus* (UFS), ano 10, n. 22, p. 49-64, 2017.
- PIAUI, W. S. “Leibniz e a gênese da noção de espaço: lendo o § 47 da última carta a Clarke”. In *Prometeus* (UFS), ano 6, n. 11, p. 09-34, 2013.
- PIAUI, W. S. “Noção completa de uma substância individual e Infinito em Leibniz”. In *Cadernos de história e filosofia da ciência* (Unicamp), v. 21, n. 1, p. 257-87, 2011.
- PIAUI, W. S. “Matemática e Metafísica em Leibniz: O cálculo diferencial e Integral e o processo psíquico-metafísico da percepção”. In *Theoria – Revista eletrônica de Filosofia*. Pouso Alegre, v. 05, p. 1-16, 2010.
- PIAUI, W. S. “Boécio e o problema dos futuros contingentes”. In *Princípios: Revista de Filosofia* (UFRN), v. 15, n. 23, p. 205-232, 24 set. 2010.
- PIAUI, W. S. “Primeira Crítica: a teologia desencontrada”. In *Ágora filosófica*. Pernambuco: Universidade Católica, ano 9, n. 2, p. 149-170, 2009.
- PIAUI, W. S. “Santo Agostinho e Isaac Newton: tempo, espaço e criação”. In *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia* (Porto Alegre), vol. 1, no. 2, p. 26-47, 2009.
- PIAUI, W. S. “Leibniz e Tomás de Aquino: o princípio de individuação”. In *Ágora filosófica*. Pernambuco: Universidade Católica, ano 6, n. 1, p. 117-36, 2006.

OS MEANDROS DA ESCRITA ACADÊMICA

Renata Ferreira Costa (UFS)

RESUMO: A pesquisa, ferramenta indispensável na rotina acadêmica, especialmente no ensino público, visa não somente buscar, produzir e divulgar conhecimento, mas também fomentar o próprio ensino/aprendizagem de seus fundamentos e métodos, tornando-se peça chave na construção da autonomia intelectual e da consciência crítica do discente. A pesquisa é, portanto, um princípio científico e educativo. O ingresso no universo da ciência, que se dá por meio da pesquisa, é um processo lento, especializado e extremamente complexo, que demanda, dentre outras coisas, uma nova forma de relação com a leitura, muito mais analítica e crítica, e uma prática constante de escrita de gêneros textuais próprios ao domínio discursivo acadêmico. Assim, pode-se afirmar que leitura e escrita, etapas fundamentais da produção do conhecimento, são indissociáveis da pesquisa científica. Contudo, a pouca familiaridade com os gêneros e a escrita acadêmica torna-se uma questão bastante complexa para alunos de graduação, que reclamam da dificuldade de produzir textos criativos, originais ou inéditos, subordinados às normas da linguagem e estilo acadêmicos, de modo que, muitas vezes, pelo hábito de reprodução textual desde o ensino fundamental e/ou o desconhecimento das normas de citação e referenciação de fontes, acabam por entregar aos professores textos com muito pouca qualidade ou até mesmo o que se configura como plágio. Diante desse contexto, este minicurso visa refletir sobre as características intrínsecas ao discurso acadêmico-científico e oferecer aos estudantes subsídios para o desenvolvimento de competências e habilidades em escrita acadêmica, sem deixar de lado os aspectos da leitura crítica na universidade, cuja principal função é a produção escrita do conhecimento.

Palavras-chaves: Pesquisa científica; Leitura. Escrita; Discurso reportado; Universidade.

Ministrante	
Profa. Dra. Renata Ferreira Costa	Professora adjunta do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), com ênfase em

	Filologia e Língua Portuguesa. Estágio doutoral na Faculdade de Linguística da Universidade de Lisboa. (UL). Graduada em Letras Português e Espanhol pela USP. Líder do Grupo de Estudos Filológicos em Sergipe (GEFES/CNPq). Contato: Renata Ferreira (DLV-UFS) renataferreiracosta@yahoo.com.br
Carga horária e Local	4h – Sala 03
Data e Horário	01/12 Quarta-feira - Horário 14:00 às 16:00
Vagas	50 vagas

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Irandé. **Lutar com Palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de Textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. **Estética da Criação Verbal**. Trad. M. Ermantina G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-288.
- BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Contexto, 2021.
- COSTA, Renata Ferreira. Estudo diacrônico da mudança semântica da palavra “plágio”. **Revista da Anpoll**, n. 39, p. 128-140, Florianópolis, jul./ago. 2015.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. *In*: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011, p. 135-151.
- DIONÍSIO, Ângela. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

- KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Cristina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: Diálogos possíveis*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- KROKOSZ, Marcelo. **Autoria e Plágio**. São Paulo: Atlas, 2012.
- KROKOSZ, Marcelo. **Outras Palavras Sobre Autoria e Plágio**. São Paulo: Atlas, 2015.
- LEA, Mary R.; STREET, Brian V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *UK Studies in Higher Education*, v. 23, n. 2, p. 157-172, 1998.
- MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília. **Trabalhos de Pesquisa: diários de leitura para a revisão bibliográfica**. São Paulo: Parábola, 2007.
- MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília. **Planejar Gêneros Acadêmicos**. São Paulo: Parábola, 2005.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Escrita. *Signótica*, 9, p. 119-145, jan./dez. 1997.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras** 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.
- PINKER, Steven. **Guia de Escrita**. Trad. e apres. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2016.
- VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e Textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VIANA, Antonio Carlos Manguiera (coord.). **Roteiro de Redação: lendo e argumentando**. São Paulo: Scipione, 2010.
- VIANA, Antonio Carlos Manguiera. **Guia de Redação: escreva melhor**. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2011.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. **Escrevendo na Universidade: fundamentos**. São Paulo: Parábola, 2019.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. **Escrevendo na Universidade: texto e discurso**. São Paulo: Parábola, 2019.

O BLOQUEIO DA ESCRITA ACADÊMICA COMO PROBLEMA PSICOSSOCIAL: QUESTÕES SOCIAIS E PRÁTICAS PARA UMA ESCRITA FLUENTE

Robson Nascimento da Cruz (PUC-MG)

Resumo: O mal-estar psicológico com a prática da escrita acadêmica é um fenômeno generalizado no cotidiano universitário brasileiro, com implicações negativas na trajetória de pesquisadores e pesquisadoras de todas as áreas do conhecimento. Considerando este quadro, o propósito neste artigo é avaliar o mal-estar psicológico com ofício da escrita acadêmica como resultado da manutenção de processos modernos de naturalização da escrita, tais como as ideologias românticas e realistas da composição literária. O argumento defendido é o de que singularidades da colonização do conhecimento no Brasil potencializam a naturalização da prática da escrita acadêmica por meio do preconceito linguístico e da manutenção de um constante senso de bovarismo acadêmico. Por fim, apresento possibilidades práticas e psicológicas para uma escrita acadêmica orientada para o senso de processo e fluência literária.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; Universidade brasileira; Bloqueio da escrita; Letramento acadêmico.

Ministrante	
Prof. Dr. Robson Nascimento da Cruz (PUC-MG)	Professor do Departamento de Psicologia da PUC Minas.
Carga horária e Local	2h/a Sala 03
Data e Horário	02/12 Quinta-feira - Horário 14:00 às 16:00
Vagas	Não informado

Referências

- Acocella, J. (2014). Por que os escritores param de escrever? *Serrote*, 18, 59-79.
- Adsit, J. (2017). The writer and meta-knowledge about writing: threshold concepts in creative writing, *New Writing*, 14(3), 304-315..
- Al-Shboul, Y., & Huwari, I. F. (2015). The causes of writing apprehension through students' perspective. *Journal of Language Teaching and Research*, 6(3), 535-544. doi:
- Bagno, M. (2003). *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola.
- Birk, L.B. (2013), "The sounds of silence: a structural analysis of academic 'writer's block'", doctoral thesis, Boston college, Chestnut Hill, MA.
- Blaxter, L., Hughes, C., & Tight, M. (1998). Writing on academic careers. *Studies in Higher Education*, 23(3), 281-295.
- Boice, R., & Jones, F. (1984). Why academicians don't write. *Journal of Higher Education*, 5(55), 567-582.
- Boice, R. (1994). *How writers journey to comfort and fluency: a psychological adventure*. New York: Prager.
- Boice, R. (1996). *First-order principles for college teachers: ten basic ways to improve the teaching process*. New York: Anker.
- Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Brambila, G. (2019). Experiências com a escrita na pós-graduação brasileira: uma proposta de diálogo com os letramentos acadêmicos. *Revista Linguagem & Ensino*, 22(3), 791-808.
- Buarque, C. (2019). *Essa gente*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Caffarella, R. & Barnett, B. G. (2010). Teaching doctoral students to become scholarly writers: the importance of giving and receiving critiques. *Studies in Higher Education*, 25, 39-52.
- Canagarajah, A. S. (2002). *Geopolitics of academic writing*. Pittsburgh: Pittsburgh University Press.
- Cayton, M. K. (1990). What happens when things go wrong: women and writing blocks. *The Journal of Advanced Composition*, 10(2), 321-337.
- Davies, B., & Bansel, P. (2005). The time of their lives? Academic workers in neoliberal time(s). *Health Sociology Review*, 14(1), 47-58.

ACHILLE MBEMBE E A FILOSOFIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA.

Romero Venâncio Junior Da Silva (UFS)

Valter Duarte (Odará) (UERJ)

Daniel Christian Dos Santos (UFS)

Resumo: Filosofia política contemporânea partindo de uma cosmovisão africana: essa é a proposta e discussão intelectual de Achille Mbembe. Pretendemos ministrar um minicurso onde escravidão e diáspora africana, que são ausências constantes na filosofia com assentimentos ocidentais por razões que Achille Mbembe discute em sua obra. A urgência de aproximar a filosofia dessa ausência histórica e demonstrar que o africano discute este tema é uma oportunidade de apresentar este tema e apresentar a comunidade acadêmica e de nosso departamento, a discussão promovida por este filósofo camaronês. Neste minicurso vamos procurar minimamente abordar a discussão feita em filosofia política na contemporaneidade. Para tanto, buscamos entender o cânone da filosofia política contemporânea e contextualizar com a obra de filósofos que foram críticos dessa concepção da tradição ocidental. Entendemos salutar discutir uma filosofia política que parta da tradição ocidental e que, ao mesmo tempo, se construa com uma ideia de universalidade de fato, que deixe de comparar Europa e europeu consigo mesmo, que quebre a ideia provinciana do pensar filosófico euro-americano e que por fim contemple algumas epistemologias do Sul do mundo que foram silenciadas. A escolha de um filósofo africano que discuta os limites da organização social do ocidente e que pretenda ir além do pensamento provinciano branco europeu, atende bem esse propósito. Para tal, serão apresentadas de maneira introdutória reflexões fundamentais para a filosofia contemporânea, tais como as questões “Que relevância exerce o modificador ‘africana’ no termo ‘filosofia africana’?”, “Qual a legitimidade da filosofia africana?” e a inflexão do pensamento causada pelo novo paradigma: a Afrocentricidade.

Palavras chaves: Colonialismo; Raça; Epistemicídio; Razão Negra; Afrocentricidade.

Ministrante	
Prof. Dr. Romero Venâncio Junior da Silva	Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade federal de Sergipe (PGF - UFS) e

	<p>da Programa de Pós-graduação em Cinema da Universidade Federal de Sergipe (PPGCINE - UFS). Coordenador do Grupo de Estudos de Intelectuais Negros do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígena (NEABI) – UFS. Filiação: filosofia contemporânea. Contato: Romero Junior Venancio Silva romerovenancioufs@gmail.com</p>
Dr. Valter Duarte (Odará)	<p>Doutor em Filosofia (UERJ), Mestre em Filosofia (UFS), Graduado em Filosofia (UFS), Escritor, Professor do Centro Cultural, Artístico e Esportivo Punhos de Ouro (CCAESP-SE), Coordenador do Grupo de Estudos Rekheth Kilombo Intelectual (RKI-SE) e Coordenador do Laboratório Geru Maa de Africologia e Estudos Ameríndios (UFRJ). Contato: Valter Duarte valtermoreira2@gmail.com</p>
Daniel Christian dos Santos	<p>Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe – UFS, Especialista em Gerenciamento e Planejamento de Projetos Sociais – UNIT. Graduando em Filosofia pela UFS. Graduado em Letras. Coordenador do Grupo de Estudos de Intelectuais Negros do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígena (NEABI) – UFS. Conselheiro Estadual (Representando o MNU) do Conselho Estadual de Políticas Igualdade Racial. Filiação: filosofia contemporânea. Contato: Daniel Christian dos Santos (PPGF-DFL-UFS) daniel_filosofo@academico.ufs.br</p>
Carga horária e Local	8h/a Sala 02
Data e Horário	29/11 a 02/12 Segunda-feira a quinta-feira - Horário 14:00 às 16:00
Vagas	50 vagas

Referencias bibliográficas:

Fontes:

- ALMEIDA, Silvio Luis de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luis de. *Sartre Direito e Política*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ASANTE, M. K. “Uma Origem Africana da Filosofia: Mito ou Realidade?” in Capoeira Revista de Humanidades e Letras. V. 1. no 1., 2014.
- ASANTE, M. K. “Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia”. em Ensaios Filosóficos. Trad. Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo Volume XIV– dez./2016.
- ASANTE, M. K. Afrocentricidade: A Teoria de Mudança Social. Trd. Ana Monteiro; Ama Mizani; Ana Lúcia. Philadelphia: Afrocentric International, 2014a.
- ASANTE, M. K. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo negro, 2009, p. 93-110.
- BENTO, M. A. S. Pactos Narcísicos no Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. São Paulo, 2002. – 169p. Tese (doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- DUARTE, Valter. & RIBEIRO, Katiúscia. Análises e Reflexões Afrocentricas Acerca da Educação Filosófica. In Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação - RESAFE. No. 31: mai-out, 2019, pp.87-100.
- DUARTE, Valter. Auto-Conhecimento em Kemet: Origens das Universidades. In Problemata: Revista Internacional de Filosofia. Vol. 10. No 2, 2019, pp. 243-257.
- DUARTE, Valter. Nota de Pesquisa: Sobre o Resgate e a Difusão da Filosofia Africana. in Προμηθεύς: Journal of Philosophy. N.28. Sep-Nov, 2018. pp.271-275.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A Razão na História: Uma Introdução Geral a Filosofia da História*. São Paulo: Centauro, 2001.
- KANT, Immanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime; Ensaio*. Campinas: Papyrus, 1993.
- LOSURDO, Domenico. *Contra História do Liberalismo*. Tradução de Giovanni Semeraro. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- MARX, Karl. *O Capital: para a crítica da economia política*. Livro I, volume II, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: Editora N-1, 2018.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: Editora N-1, 2018.
- MBEMBE, Achille. *O Fardo da Raça: Entrevista com Achille Mbembe a Arlette Fargeau e a Catherine Portevin da Philosophie Magazine*. São Paulo: N-1, 2018.
- MBEMBE, Achille. *Sair da Grande Noite*. Ensaio sobre a África Descolonizada. Traduzido por Narrativa Traçada. Luanda: Edições Mulemba, 2014.
- MUNDIMBE, V. Y. *Tales of Faith: Religion as Political Performance in Central Africa*. EUA: Bloomsbury Publishing, 2016.
- NOGUERA, R. *O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca nacional, 2014.
- NOGUERA, Renato. *Afrocentricidade e Educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado*. Revista África de Africanidades, Cidade Rio de Janeiro, ano 3, n. 11, nov. 2010. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010__02.pdf. Acesso em 29 jul.2014. Acesso em: 10 jan de 2017
- PONTES, Katiúscia Ribeiro. *Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03*. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2017.
- RAMOSE, M. “Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana”. Trad. Dirce Eleonora Nigro Solis; Rafael Medina Lopes; Roberta Ribeiro Cassiano. In: *Ensaio Filosóficos, Volume IV*, 2011.
- SANTOS, Daniel Christian. Considerações sobre o conhecimento e pós-verdade. *O Manguenzal Revista de Filosofia*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2020. p. 26 - 42. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/omanguenzal/issue/view/1063>. Acesso em 23 dez. 2020.

Estudos:

- SILVA, Romero Venâncio Junior; SANTOS, Daniel Christian dos. Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal. *Enunciação Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFFRJ*. 2020. p. 84 – 97. Disponível em:

<http://www.editorappgfilufrj.org/enunciacao/index.php/revista/article/view/107/117> Acesso em 3 de nov. 2021.

DUARTE, Valter. & RIBEIRO, Katiúscia. Análises e Reflexões Afrocentricas Acerca da Educação Filosófica. In Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação - RESAFE. No. 31: mai-out, 2019, pp.87-100.

DUARTE, Valter. Auto-Conhecimento em Kemet: Origens das Universidades. In Problemata: Revista Internacional de Filosofia. Vol. 10. No 2, 2019, pp. 243-257.

DUARTE, Valter. Nota de Pesquisa: Sobre o Resgate e a Difusão da Filosofia Africana. in Προμηθεύς: Journal of Philosophy. N.28. Sep-Nov, 2018. pp.271-275.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

LOSURDO, Domenico. *Contra História do Liberalismo*. Tradução de Giovanni Semeraro. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: Editora N-1, 2018.

MBEMBE, Achille. *Sair da Grande Noite*. Ensaio sobre a África Descolonizada. Traduzido por Narrativa Traçada. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

MESAS DE COMUNICAÇÕES

O Manguetal – Revista de Filosofia
São Cristóvão/SE, v.2, n. 11, jul. - dez. 2021, ISSN: 2674-7278.

SOBRE A EXISTÊNCIA DE DEUS: QUESTÕES PROPEDÊUTICAS

Antunes Ferreira da Silva⁴⁸

Resumo: As questões centrais e introdutórias acerca da existência de uma divindade, o que o mundo ocidental costumou chamar Deus, são o principal conteúdo deste texto. O objetivo da comunicação é apresentar a parte propedêutica da pesquisa que estou desenvolvendo sobre o ateísmo no organismo filosófico de Arthur Schopenhauer na pós-graduação em Filosofia (doutorado) pela UFS. O problema aqui abordado destrincha-se em dois: se deus existe e sobre como podemos entendê-lo ou, conseqüentemente, defini-lo (existindo ou não). Paire sobre esta questão uma imensa dificuldade com a sua definição real, ao que sugerimos a busca tão somente por sua definição nominal. Sobre sua definição, parte-se dos quatro principais modos de definir a divindade estabelecidos durante a história da filosofia ocidental: a) deus enquanto causa do mundo, b) deus e sua relação com a ordem moral, c) deus em relação consigo e d) deus em sua relação com a humanidade. Sobre as provas acerca de sua existência, parte-se das provas igualmente racionalizadas pela história da filosofia ocidental: a) ontológica, b) cosmológica e c) físico-teológica. Por se tratarem de questões propedêuticas, difíceis de responder e cujas respostas, por vezes, podem soar bastante incertas, este texto estabelece (ou tenta) um ponto de partida que seria a definição, ao menos nominal, do que seria deus para, só depois, analisar a possibilidade (ou impossibilidade) de sua existência.

Palavras-chave: Deus; Questões propedêuticas; Argumentos; Provas; Ateísmo.

A LIBERDADE E SUA EFETIVAÇÃO NA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL

José Elielton da Silva⁴⁹

⁴⁸ Doutorando em Filosofia pela UFS, sob orientação do Prof. Dr. Arthur Eduardo Grupillo Chagas (UFS), e professor de Filosofia da UFCG Email: antunesfsilva@academico.ufs.br.

⁴⁹ Mestrando do PPGFIL da Universidade federal de Alagoas (UFAL); Bolsista CAPES; Orientador: Francisco Pereira de Sousa; <http://lattes.cnpq.br/2235429756214475> jose.elielton@ichca.ufal.br

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo analisar a liberdade e sua efetivação na primeira parte da filosofia do direito de Hegel: O Direito Abstrato. Em primeiro lugar faremos uma distinção entre o direito abstrato na concepção hegeliana e o direito civil como normalmente é concebido, explorando a diferença entre o pensamento de Hegel e de Kant sobre o direito, a partir de uma visão hegeliana. Depois, procuraremos analisar a relação entre o direito e a vontade livre, mostrando que é no direito abstrato, como primeiro movimento da vontade livre, onde essa vontade é livre em-si e, portanto, imediata. Por fim, seguiremos o caminho da efetivação da liberdade (imediatidade) em três momentos: a propriedade - dimensão existencial da liberdade pessoal-, aqui trataremos também da igualdade e da diferença entre os indivíduos, e da alienação; o contrato - reconhecimento de outras vontades livres -, nesta parte, reforçaremos a base hegeliana do contrato, diferenciando-o das concepções anteriores; e, finalmente, faremos uma investigação sobre a injustiça e a punição; apontando, assim, a incompletude da efetivação da liberdade no direito abstrato, e a necessidade da moralidade.

Palavras-chave: Direito; Direito Abstrato; Liberdade; Propriedade; Contrato; Injustiça.

O FORMALISMO ÉTICO E A CRÍTICA DE MAX SCHELER A KANT

Cleibson Américo⁵⁰

Resumo: Max Scheler e Immanuel Kant são autores empenhados em buscar o elemento que possa ser posto como a essência da moral. O primeiro, em sua obra O formalismo na ética e a ética material dos valores, buscou fundamentar uma doutrina ética que fosse capaz de refutar o que chamou de “formalismo kantiano” e justificar uma teoria material dos valores. O segundo, por sua vez, em suas obras Fundamentação da metafísica dos costumes e Crítica da razão prática, procurou sedimentar uma doutrina moral em consonância com o seu sistema filosófico, de forma a integrá-la como sendo necessária à razão pura, que é também prática. Scheler faz um exame crítico da filosofia moral kantiana, de modo a traçar seus pressupostos a partir de um conjunto de conceitos, dentre os quais se destacam: a priori, empírico, boa vontade, intuição,

⁵⁰ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Edmilson Menezes Santos

imperativos, bem/mal, cumprimento do dever, material, hierarquia dos valores etc; essa gama de noções converge para a estruturação de uma ética segundo a qual a regra que orienta a máxima da ação, para ser universal e válida, não pode subordinar-se a nenhum conteúdo empírico. Foi por meio da oposição ao formalismo que Scheler construiu sua ética material, que não é contingente, e que tem os valores como conteúdos essenciais. Diante de tais divergências, o objetivo do trabalho é mostrar que a sua gênese radica, entre outras causas, nos desiguais pressupostos metodológicos assumidos pelos autores, visto que Kant parte de uma perspectiva analítico-sintética e Scheler, por sua vez, assume um ponto de vista fenomenológico.

Palavras-chave: Scheler; Kant; Moral; Ética; Material.

SOBRE O JUÍZO MORAL VULGAR EM KANT

Tomaz Martins da Silva Filho⁵¹

Resumo: Na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, obra propedêutica à *Crítica da Razão Prática*, Kant inicia a primeira seção conceituando a boa vontade. Podemos pensar que a análise dos costumes nessa obra também se inicia pela boa vontade, porém, essa análise tem início na admissão do conhecimento moral da razão vulgar, um senso comum que, por sua vez, produz o juízo moral vulgar. Tal juízo tem em conta a apreciação da boa vontade como condição primordial que o leva a formular uma noção primitiva do imperativo categórico. De posse dessa informação, entendemos o porquê de Kant iniciar seu discurso pela boa vontade na *Fundamentação*. A partir disso, a questão que se põe não é saber se o juízo moral vulgar é de fato moral, porque já o sabemos; ele tem uma noção comum de dever. Mas é preciso saber como o juízo moral vulgar pode preservar a moralidade que está implícita em sua constituição. Por conta de sua fragilidade, é necessário que ao juízo vulgar seja esclarecido, encontrando na razão a origem do princípio moral, já que é ela mesma a única faculdade capaz de lhe garantir precisão em sua atividade distintiva na escolha das máximas. Se no plano especulativo é a razão

⁵¹ Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF-UFS), sob orientação do Prof.º Dr. Edmilson Menezes. Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). E-mail: tomaz.martins@ifpa.edu.br

que manterá nos limites o senso comum para que ele não se perca em altas especulações, no plano prático, a razão tem a tarefa de depurar seus juízos morais, a fim de que eles se distanciem da condição empírica e se aproximem dos legítimos princípios da moralidade.

Palavras-chave: Conhecimento moral da razão vulgar; Juízo moral vulgar; Moralidade; Razão prática.

FILOSOFIA COMO TERAPIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O *ENSAIO SOBRE AS DOENÇAS MENTAIS* E *ANTROPOLOGIA DE UM PONTO DE VISTA PRAGMÁTICO*

Victor Sávio de Oliveira Tavares⁵²

Resumo: Em suas considerações sobre os distúrbios mentais presentes nas obras *Ensaio sobre as doenças mentais* (1764) e *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (1798), Kant propõe que a filosofia seja considerada em seu caráter terapêutico no tratamento dessas enfermidades, visto que a mesma se incube de classificar e analisar as nossas operações mentais, portanto, em lugar privilegiado no que concerne os transtornos da mente. O *Ensaio* e a *Antropologia* introduzem concepções próprias de como a filosofia pode ser encarada como alternativa para se lidar com as enfermidades da mente: enquanto no *Ensaio* sobressai uma visão somatista, em que a medicina toma a dianteira no tratamento dessas doenças, já que Kant, em consonância com a medicina da época, considera a sua origem no sistema digestivo, a filosofia é encarada como apaziguadora dos efeitos mais nocivos que essas enfermidades poderiam ter, atuando como auxiliadora da medicina no combate aos distúrbios mentais; já na *Antropologia*, ressalta-se uma aproximação racionalista, a filosofia é a principal alternativa no combate às doenças mentais, capaz de expurgar as tendências degenerativas da mente em seu início, pois, a filosofia promove a exposição e o debate dos raciocínios humanos, retirando-os de seu *senso privado*, muito mais propenso à doença, e colocando-os em um *senso comum*, no qual é proporcionado um encontro entre as diversas possibilidades de ideias, possibilitando,

⁵² Aluno do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Bolsista PIBIC/CNPq, ORIENTADOR: Prof. Dr. Edmilson Menezes (DFL/UFS), E-mail: juioh99@hotmail.com

assim, um redirecionamento de pensamentos, impedindo que evoluam para um estágio de doença.

Palavras-chave: Doenças mentais; Terapia; Antropologia; Kant; Filosofia.

A REPARTILHA DO SENSÍVEL E O REGIME ESTÉTICO DA ARTE EM JACQUES RANCIÈRE

Clara Leite Lisboa⁵³

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo desenvolver a ideia de repartilha do sensível e o regime estético da arte sob a ótica de Jacques Rancière, como conceitos consubstanciais, entendendo que repartilhar o sensível é sinônimo de política. A ideia de partilha do sensível foi elaborada pelo filósofo para evidenciar as distribuições de lugares, de modo que essa repartição das partes significa tanto um rompimento quanto um compartilhamento dos espaços, dos tempos e dos tipos de atividades em que os indivíduos exercem. Desse modo, objetiva-se elaborar a compreensão da relação entre política e estética, que são conceitos imbricados, dentro da partilha do sensível, para compreender como essa relação se aplica às reflexões artísticas dentro do regime estético da arte, que Rancière afirma ser o único em que ocorre política por ser o regime sob o qual o comum é repartilhado. Para viabilizar a investigação proposta, será adotada a análise bibliográfica como uma ferramenta rica para a investigação dos conceitos do filósofo, sob o uso das fontes primárias a partir dos textos de Rancière, bem como das fontes secundárias a partir dos textos de Daniela Blanco, Eduardo Pellejero, entre outros comentadores. O tema é atual e de grande relevância, tendo em vista as discussões sobre política e estética, enquanto objetos divergentes, quando na concepção apresentada por Jacques Rancière, se trata de temas com a mesma substância.

Palavras-chave: Jacques Rancière; Política; Estética; Arte.

⁵³ Formada em direito pela Universidade Tiradentes; mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) pela Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação do Prof. Dr. Vladimir de Oliva Mota. E-mail: claralisboa.adv@gmail.com.

ACERCA DA PARÁBOLA KAFKIANA: UM DEBATE ENTRE BENJAMIN E BRECHT

Caio Graco Queiroz Maia⁵⁴

Resumo: Nosso objetivo é apresentar o debate entre Walter Benjamin e Bertolt Brecht sobre o tema da parábola na obra de Kafka. Tal debate ocorreu durante a hospedagem de Benjamin na residência de Brecht, em exílio da Dinamarca, quando da ocasião do fim da redação de “Franz Kafka” por Benjamin, e foi registrado por este em formato de diário em textos posteriormente conhecidos como “Anotações de Svendborg”. Há, ali, perspectivas opostas sobre as parábolas de Kafka, na medida em que Benjamin, por um lado, vê positivamente seu caráter muitas vezes indecifrável, sem significação clara (puro sentido, dotado de inesgotabilidade, como interpreta LGatti), enquanto que, por outro lado, Brecht desconfia deste mesmo aspecto, afirmando-as apenas profundidade vazia, sinônimo de imperfeição e, sobretudo, apropriáveis (pela falta de referência clara) pelo fascismo. Pelo lado de Benjamin, tal questão toca diretamente sua teoria sobre a extinção da narração, sobre a relação tradicional desta com textos doutrinários e de conselhos, e com a tradição judaica. Isso porque a parábola de Kafka é lida com ele como um tipo de texto que é dotado da forma da doutrina, sem, no entanto, possuir qualquer doutrina por trás, estando, portanto, distante da tradição, mas carregando traços ou ruínas desta. Pelo lado de Brecht, seus desenvolvimentos teóricos e práticos sobre a função didática da literatura e do teatro pesam em sua leitura contra a indecifrababilidade da parábola. Intentamos, nesse sentido, pontuar os principais argumentos dos autores e expor algumas interpretações de comentadores sobre a discussão.

Palavras-chave: Benjamin; Brecht; parábola; Kafka;

⁵⁴ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (Orientador: Everaldo Vanderlei de Oliveira). E-mail: caiogracoqueiroz@hotmail.com.

CRÍTICA A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER DA PERSPECTIVA DA GENEALOGIA DA MORAL DE NIETZSCHE E DO PENSAMENTO DECOLONIAL

Katia Cristina Santos Lelis ⁵⁵

Resumo: O trabalho propõe uma provocativa reflexão do contexto histórico, filosófico acerca do processo de construção da imagem da mulher, seu papel social e desafios, norteadores a Genealogia da Moral e dos Costumes da obra e narrativa de Nietzsche e como também uma abordagem decolonial e práxis. A gênese da moral, disruptura da moral dominante, a correlação da obra do filósofo com o Pensamento Decolonial. A moral dos costumes, dos senhores e dos escravos, desperta o medo, o bem e o mal, e a disruptura, abordagem crítica decolonial e contexto da construção desta imagem, suas relações e papel social, político. A genealogia é um método de entender o poder, relações sociais, subalternidade, nem sempre compulsória, estrutural, resignada muitas vezes, advindas da crueldade do poder, hipotética natural sujeição feminina, já existe uma relação de dominação e opressão histórica e cultural, e uma herança de uma colonialidade de saber e poder. “Mas não poderia haver erro maior e mais fatal do que os felizes, os bem logrados, os poderosos de corpo e alma começarem a duvidar assim do seu direito à felicidade. Fora com esse ‘mundo do avesso’! Fora com esse debilitamento do sentimento! Que os doentes não tornem os sadios doentes [...] o superior não deve rebaixar-se a instrumento do inferior” – Nietzsche, Genealogia da Moral, terceira dissertação, §14 Ideologia, um abismo, uma distância de segurança é estabelecida, para cruelmente calar e negar o direito de ser, saber e do poder, práxis que ao longo história se repete com fundamentos de boa consciência e ou intenção.

Palavras-chave: Genealogia; Decolonialidade; Mulher; Poder.

DICOTOMIA FILOSÓFICA: IMAGINÁRIO EXCLUDENTE

⁵⁵ Mestranda em Filosofia na UFS-SE, sob orientação do Prof. Dr. Romero Junior Venâncio Silva, pós-graduada em Direito do Trabalho e Previdenciário pela Faculdade Guanambi (SE), SGI pelo Estado da Arte, Didática de Ensino Superior FSL-SE, Advogada, Administradora, Membro IBDFAM, Professora Universitária.

Resumo: Temos construído – estruturalmente – mentalidades que aceitam a ideia de que mulheres sejam inferiores, justificando as opressões e violência contra elas. E esta mentalidade excludente é legitimada por filósofos, a exemplo de quando Emmanuel Kant escreve sobre a desigualdade entre homens e mulheres como algo essencial, afirmando a “natural” incapacidade feminina para as questões do intelecto. A própria filosofia se ocupou de construir argumentos que naturalizam a inferiorização de um ser humano que compreende a metade da população existente. Neste contexto buscamos responder: como a hierarquia filosófica, que coloca o corpo e o passional como inferiores, a serem dominados pelo racional, inferioriza as mulheres enquanto aquelas que são dominadas por estes elementos? Objetiva-se analisar a influência de narrativas que contribuem para o desenvolvimento de um imaginário que produziu a decadência das mulheres em nossa cultura, legitimando a ideia de uma inferiorização em relação aos homens. Trata-se de uma pesquisa realizada na casa da filosofia, que se caracteriza por realizar um metapensamento, ou seja, um pensamento sobre o próprio pensamento que escrutina o que está por trás do que se pensa; portanto, do que se produz em termos de ideias e valores que estão por trás das atitudes das pessoas. Para Marx, a filosofia reflete e justifica a distribuição de poder no mundo, fora do pensamento filosófico, não se restringindo, assim, a um reino de abstrações puras. Daí a importância de uma pesquisa filosófica que levante o questionamento e investigue a fundo as estruturas epistêmicas que têm perpetuado formas de opressão excludentes.

Palavras-chave: Filosofia; Dicotomia; Inferiorização da mulher; Mentalidade excludente.

O PENSAMENTO NISIANO: UMA QUEBRA DE PARADIGMAS COM OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DA LOUCURA NO BRASIL

⁵⁶ Graduada em Filosofia. Doutora em Educação. Professora nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Direitos Humanos da UNIT. Doutoranda PPGFIL-UFS, sob orientação do Prof. Dr. Romero Venâncio. E mail: ccfilos2@yahoo.com.br.

Resumo: o trabalho em questão é fruto da pesquisa para uma dissertação em construção, que visa desenvolver uma investigação sobre a problemática da subjetividade, tendo por intuito promover uma reflexão crítica sobre a maneira como essa questão se relaciona com a loucura, precisamente, no que diz respeito à descaracterização da subjetividade dos indivíduos “loucos”. Partindo do conceito de subjetividade e modos de subjetivação em Foucault, segundo Revel (2005), propomos voltarmos-nos para o panorama da história da loucura no Brasil do século XX, a fim de fomentar uma reflexão sobre a importância de se quebrar com os paradigmas desses modos de subjetivação-objetivação em nosso país. Em virtude desses objetivos, no trabalho apresentado nessa comunicação, nos debruçaremos sobre o estudo da subjetividade da loucura no pensamento de Nise da Silveira em seu trabalho psiquiátrico com os esquizofrênicos, que, em síntese, se resumem às seguintes indagações: Como Nise entendia a subjetividade da loucura em seus clientes esquizofrênicos? Como se deu o modo como ela formou essa noção de subjetividade da loucura, mesmo em meio ao cenário em que estava situada na época? Que repercussão esse pensamento acerca da subjetividade dos esquizofrênicos teve sobre o tratamento psiquiátrico que ela desenvolveu na terapêutica ocupacional?

Palavras-chave: Brasil; Loucura; Subjetividade; Subjetivação.

O CAMINHO DOS JOGOS EM HEIDEGGER E WITTGENSTEIN

Nailton Fernandes da Silva⁵⁸

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo apresentar e discutir as metodologias que motivaram os empreendimentos filosóficos de M. Heidegger e L. Wittgenstein acerca dos jogos (spiel). Em *Ser e Tempo* (1927), Heidegger ao empreender uma análise da existência, aponta para a fenomenologia como preparadora do caminho para a pesquisa ontológica,

⁵⁷ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Mestranda em Subjetividade e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFAL – PPGFIL. Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Barros Gewehr.

⁵⁸ Mestrando em Filosofia Contemporânea. Linha de pesquisa: Linguagem e Cognição. PPGFIL-UFAL. E-mail: nailton.silva@ichca.ufal.br. Orientador: Dr. Marcus José Alves de Souza.

esta preparação culmina na interpretação (hermeneutik) da constituição do ser do humano (Dasein). A luz de uma hermenêutica-fenomenológica, o ser humano se apresenta como o ser que se auto-interpreta, condição fundamental para se compreender como ser-no-mundo. Trilhando caminhos diferentes, Wittgenstein nas Investigações Filosóficas (1959) efetiva sua investigação não no domínio da discussão ontológica, mas, no domínio da linguagem. Esta equipara-se a uma velha cidade, com intempéries variadas, donde só conhece bem a cidade aquele que encara, “sem o encanto dos guias turísticos”, suas congruências e incongruências. Nessa segunda fase de sua filosofia, o austríaco tenta sanar alguns problemas metafísicos que permeou a tradição e sua própria filosofia do Tractatus, revisitando problemas como a linguagem ostensiva e modelos representacionista, tudo à luz de nossas práticas linguísticas cotidianas. Assim, podemos genericamente concluir que, o caminho da hermenêutica fenomenológica está para Heidegger, e o caminho terapêutico por meio da linguagem cotidiana está para Wittgenstein. Essas duas maneiras diferentes de encarar questões filosóficas, também diferentes, promete na comparação do curso de suas filosofias um momento de diálogo singular por meio do conceito de jogos, questão essa muito cara para nossa pesquisa.

Palavras-chave: Caminhos; Hermenêutica-fenomenológica; Terapia; Ontologia; Linguagem; Jogos.

A FALÁCIA ARGUMENTATIVA E O PENSAMENTO HEURÍSTICO

Alípio José Viana Pereira Neto⁵⁹

Resumo: As falácias são argumentos ou estratégias argumentativas consideradas incorretas a partir do critério da lógica, mas que possuem vocação persuasiva. Por outro lado, com a nome ‘heurística’ nos referimos a um procedimento simplificado que, apesar de não ser o mais eficiente em condições ideais, costuma ter uma eficiência satisfatória. Assim, regras ou

⁵⁹ Doutorando integrante do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF), na Universidade Federal de Sergipe, bolsista da CAPES, orientado pelo professor Aldo Lopes Dinucci, *email* alipiovneto@gmail.com

procedimentos heurísticos são especialmente úteis quando temos limitação de tempo ou de recursos (incluindo conhecimento) para resolver uma questão. O filósofo Douglas Walton sugere que as falácias ou, ao menos, algumas delas, são persuasivas porque muitas vezes se confundem com um pensamento heurístico razoável. Nesse sentido, uma falácia seria a má utilização de uma heurística. Para avaliar melhor essa hipótese, pretendemos demonstrar, com base em estudos e experimentos de cientistas cognitivos, alguns aspectos sobre nosso processamento cognitivo de informação. Posteriormente, exporemos, ainda com base no mesmo referencial teórico, de que modo o pensamento heurístico está ligado ao nosso processamento cognitivo. Por fim, com o intuito de fomentar a discussão, faremos alguns comentários tanto na direção de reforçar os argumentos de Walton, no sentido de que há uma relação entre algumas falácias e o pensamento heurístico, mas também para problematizar sua hipótese de que a falácia é uma má utilização da heurística ou que a razão principal para ela ser persuasiva seja a sua semelhança com o pensamento heurístico.

Palavras-chave: Falácias argumentativas; Persuasão; Processamento cognitivo; Heurística.

O QUE HÁ NO QUE NÃO É: REFERÊNCIA E PREDICAÇÃO NA SEMÂNTICA MEINONGUIANA

Deir da Silva Machado Junior⁶⁰

Resumo: Alexius Meinong foi um escritor profícuo e filósofo independente que ofereceu em seu artigo “*Über Gegenstandstheorie*” uma solução original para o paradoxo do *não-ser*, mas que, apesar disso, tornou-se mais conhecido como alguém a quem faltava um robusto senso de realidade e como o alvo de inúmeras outras ridicularizações - advindas principalmente dos círculos tradicionais da filosofia analítica do Século XX. As severas críticas ao trabalho de Meinong são enraizadas num pressuposto em que se admite que somente o que existe tem propriedades e pode ser genuinamente considerado como *sujeito lógico* de proposições, o que

⁶⁰Mestrando em Ontologia, Conhecimento e Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Orientador: Alessandro Bandeira Duarte. E-mail: deir.philo@gmail.com.

- de um ponto de vista semântico - implica que termos singulares que nada denotam nunca constituem enunciados verdadeiros. No entanto, esse resultado parece destoar-se abruptamente da linguagem ordinária, uma vez que esta é permeada por noções intuitivas nas quais são admitidas certas verdades acerca do que não existe. Por outro lado, a despeito das críticas e da abordagem da tradição, por meio da teoria de Meinong é possível romper de maneira menos abrupta com a linguagem ordinária, uma vez que é seguida uma noção intensional de *sujeito lógico*, na qual é defendido que há objetos sobre os quais é correto dizer que não existem, mas que, independentemente disso, possuem propriedades genuínas. No contexto dessas abordagens distintas, o presente trabalho tem como objetivos expor as nuances da semântica meinonguiana, os princípios sobre os quais ela se ergue e seu contraste com teorias semânticas tradicionais da filosofia analítica.

Palavras-chave: Alexius Meinong; Semântica; Predicação; Não-ser.

A INFLUÊNCIA DE FREGE NA COMPREENSÃO DA NATUREZA DO VALOR EM ECHEVERRÍA

Manoel Rodrigues Pessoa Filho⁶¹

Resumo: Javier Echeverría Ezponda é um filósofo e matemático espanhol, premiado e autor de variadas livros sobre ciência, tecnociência, valores e realidade virtual. O objetivo deste trabalho é mostrar, uma vez ancorado nas obras de Echeverría *Filosofia de la ciencia* (1995), *Ciencia y valores* (2002), *Introducción a la metodología de la ciencia* (1999) e na de Frege *Lógica e Filosofia da Linguagem* (2009), a compreensão da natureza do valor na axiologia da ciência e da tecnociência de Echeverría. Na sua visão, os valores não se localizam no reino do não-ser e tampouco portam sentidos fora de contextos linguístico-científicos, mas são entendidos como funções mediante recursos matemáticos e esquemáticos. No prisma de uma abordagem fregeana, Echeverría não busca definir valor, mas sim caracterizar e avaliar a influência dos

⁶¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Sua linha de pesquisa é Conhecimento e Linguagem e seu orientador é o prof. Dr. Adilson Alciomar Koslowski (UFS). E-mail: manoel.rod.pes@hotmail.com.

valores em um giro axiológico que envolve, por exemplo, valores da ciência como a precisão e da tecnociência, o valor pragmático. No cerne de sua filosofia praxiológica e axiológica, afasta-se da ontologia aristotélica (cf. o esquema predicamental S é P) que busca a essência por meio do gênero e da diferença específica para se alinhar à ontologia fregeana (cf. esquema de lógica proposicional gerador de valor de verdade como “verdadeiro” e “falso”). Em vista disso, concebe categoricamente valor como função (cf. em $F(x)$ o x é argumento que compõe o valor da função).

Palavras-chave: Axiologia; Javier Echeverría; Frege; Ontologia; Valor.

A TEORIA CRÍTICA DENTRO DO DISCURSO POLÍTICO: UMA BREVE ANÁLISE NO CONCEITO DE JUSTIFICAÇÃO E JUSTIÇA NA OBRA DE RAINER FORST E JOHN RAWLS

Percy Daniel Arce Santos⁶²

Resumo: o presente trabalho teve como objetivo apresentar a obra *Justificação e Crítica* do filósofo alemão Rainer Forst e a obra *Teoria da Justiça* do jurista americano John Rawls, que discorreu sobre o conceito de justificação em Rainer Forst, e, seguidamente, analisar o conceito de justiça em John Rawls

Palavras-chave: Democracia; Justificação; Justiça.

O DIREITO NATURAL À ÁGUA EM VANDANA SHIVA

Sizínio Lucas Ferreira de Almeida⁶³

⁶² Doutorando em sociologia pela Universidade Federal de Sergipe, Mestre em filosofia pela mesma Universidade. Membro do Grupo de Estudos em Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS) Email: darcesantos@gmail.com.

⁶³ Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação do Prof. Dr. Evaldo Becker. Licenciado (2014) e Mestre (2017) em Filosofia pela mesma instituição. Membro dos grupos de pesquisa Ética e Filosofia Política e Filosofia e Natureza, ambos na UFS.

Resumo: A presente comunicação visa debater um dos grandes problemas ambientais da nossa contemporaneidade: a mercantilização dos recursos hídricos. Os impactos ambientais e sociais causados pelas Commodities ocasionam diversos desníveis sociais, que ampliam a desigualdade social e ambiental. Em sua obra Guerra por água: privatização, poluição e lucro (2006), a filósofa indiana Vandana Shiva reflete sobre o uso do mais importante recurso natural como mercadoria, situação que vem se alastrando desde o século passado. A defesa da filósofa tem por base um dos conceitos fundamentais da filosofia política, o conceito de Direito Natural. Partindo desse conceito, Vandana Shiva afirmará que o direito a água é inalienável e está configurado como um direito natural por ser este elemento essencial para a sobrevivência da humanidade. As Commodities hídricas são um dos grandes problemas ambientais no mundo, sobretudo no Brasil, após a aprovação do Novo Marco do Saneamento, sancionada em 2020, que permite a exploração, por parte de empresas privadas, do abastecimento de água e manutenção do saneamento básico em localidades escolhidas pela empresa vencedora. Diante de tais fatos, a reflexão de Shiva torna-se pertinente para pensarmos sobre a atuação de governos beligerantes à sua população, que entregam ao capital seus recursos naturais, deixando à mercê sua população mais vulnerável.

Palavras-chave: Direito Natural; Commodities; Recursos Hídricos; Problemas Ambientais.

NOTAS SOBRE A RELAÇÃO CORPO-ESPAÇO-TEMPORALIDADE À LUZ DE MERLEAU-PONTY

Alessandra Lins da Silva⁶⁴

Resumo: O presente trabalho consiste em tomar notas sobre a temática da temporalidade em Merleau-Ponty, presente no capítulo II da terceira parte do livro Fenomenologia da percepção, assim como trazer os seus pensamentos sobre a corporeidade e o espaço como parte do seu modelo fenomenológico perceptivo, cuja noção de corpo inserido no mundo pode ser tomada como ponto central de seu modelo de análise de causas via percepção humana. O aspecto da

⁶⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Orientador Prof. Dr. João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias, e-mail: alessandra.silva@ichca.ufal.br.

temporalidade, por sua vez, é para o autor um dos atributos inerentes ao corpo que conhece e percebe os objetos sensíveis à sua volta, e este processo acontece em contato com as coisas ao nosso redor e com a alteridade. Ao corpo fenomênico temporal é possível uma recolocação do tempo em novos e variados espaços, podendo demonstrar, em termos práticos, nossa capacidade de entendimento do tempo como um campo de presença aberto, com todas as possibilidades que nos é dada a partir de nossas referências às marcas do passado, memórias, hábitos, novas possibilidades de futuro, ideologias, valores, crenças, e tudo o mais que nos indique enquanto seres no mundo. Isto posto, o movimento seguinte se dá no sentido de explorar algumas concepções de espaço (lugar), nesse ínterim incluindo o nosso próprio corpo enquanto lugar, e como o tempo visita estes espaços habitados, nos trazendo a experiência das memórias e as projeções de futuro. A tentativa que se espera é a de demonstrar existente uma relação corpo – tempo - espaço como forma de potência corporal que transita entre tempos e lugares dentro da perspectiva da fenomenologia da percepção.

Palavras-chave: Corpo; Espaço; Temporalidade; Hábitos; Memórias; Projeção de futuro.

A ONTOLOGIA SARTRIANA É UMA FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL?

Marcos Sávio Santos Aguiar⁶⁵

Resumo: Enquanto a filosofia de Husserl opera com um conceito de constituição a fim de tornar explícito o status da transcendência a partir da imanência, a filosofia de Sartre, por outro lado, tenta se desvencilhar dessa noção de constituição. Mas a questão não é tão simples assim, pois Sartre encontra tipos de transcendências bastante problemáticas, como é o caso do “Ego”. Esse trabalho pretende mostrar como é que, para efetuar a transcendência do Ego, Sartre lança mão do conceito de constituição operatória a fim de escapar de toda referência à imanência. Porém, a constituição sartreana lança mão da imaginação (dimensão transcendental da fenomenologia) que poderá agir como um entrave a suas pretensões ontológicas.

Palavras-chave: Husserl; Fenomenologia; Sartre; Ontologia; Transcendência; Ego.

⁶⁵ Doutorando em filosofia do Programa de Pós-Graduação (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), ORIENTADOR: Prof. Dr. Romero Venâncio, E-mail: marcossavio.se@gmail.com.

UMA REFLEXÃO ACERCA DA IDEIA DE PLURALIDADE EM BAKHTIN

Vicente Fiscina⁶⁶

Resumo: o objetivo desta comunicação restringe-se a tentar retratar o surgimento da ideia de pluralidade como consequência dessa vivência assumida por Bakhtin; tentar ainda compreender uma aura de “utopia” no que ele chamará de “mundo polifônico”. Tal objetivo será situado através de uma abordagem histórica no contexto do citado autor, justamente visando enfatizar como sua história esteve vinculada ao surgimento de suas ideias, sobretudo suas ideias filosóficas. Vale destacar ainda outros conceitos desenvolvidos por Bakhtin que induzem a uma ideia de pluralidade, a saber, o conceito de polifonia e de carnavalização que trazem à tona o que ele determinará de “multiplicidade de vozes plenivalentes” bem como a ideia de “consciências independentes e não fundíveis” sempre no âmbito do diálogo tomado infinitamente e que de alguma maneira refletirão na concepção de pluralidade esboçada. O termo da polifonia, atente-se, não deve ser confundido apenas como um mero universo de muitas vozes, mas um universo no qual todas as vozes possuem um mesmo poder, um universo no qual cada voz tem a mesma relevância, um universo “equipolente” ou “equivalente”, no entender de Bakhtin. Nesse sentido, mesmo Bakhtin não tendo aprofundado uma apreensão mais delicada a respeito desse termo, somos induzidos a perceber que sua compreensão filosófica teria transformado tal termo em uma categoria filosófica relevante para a identidade e constituição de suas ideias filosóficas, sobretudo no tocante à pluralidade.

Palavras-chaves: Pluralidade; Polifonia; Carnavalização; Diálogo; Utopia.

⁶⁶ Mestrando em filosofia pela Programa de Pós-Graduação de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF/UFS) e professor de filosofia da educação básica da rede estadual de Sergipe (SEDUC/SE). Orientador: Prof. Dr. Romero Venâncio. E-mail: vicentefiscina@outlook.com.

UMA INTRODUÇÃO À CRÍTICA DA IDEOLOGIA JURÍDICA PROPOSTA POR DERRIDA

Edilamara Peixoto de Andrade⁶⁷

Resumo: Jacques Derrida, filósofo Franco-Argelino que é considerado o Filósofo da Desconstrução escreve que “a desconstrução é a justiça.”, ou seja, todo o trabalho da desconstrução é também, mesmo que indiretamente, um trabalho sobre a justiça, uma justiça sempre por vir, aporética, que não se deixa apontar, que não se permite teorizar e que não se presentifica. Nesse sentido, nos propomos, com esta comunicação, a pensar a crítica desenvolvida por Derrida à uma possível ideologia jurídica que pretende teorizar aquilo que não se admite teorização que é a “justiça”, a partir da obra Espectros de Marx, afinal, como escreve o próprio desconstrucionista, logo nas primeiras páginas do seu texto, “se me apresto a falar de fantasmas... é em nome da justiça”.

Palavras-chave: Derrida; Justiça; Desconstrução.

VONTADE E TEMPORALIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA TOTALIDADE E INFINITO DE EMMANUEL LEVINAS

Joseilton Nunes da silva⁶⁸

Resumo: O pensamento de Emmanuel Levinas, ainda muito restrito nas discussões filosóficas, mesmo diante de uma alvorada considerável de interpretações, mostra-se, contudo, muito remoto e carente de estudos. Seja pela idéia de complexidade de sua proposta filosófica, atrelada a um conjunto de saberes distintos, quais sejam: a fenomenologia, a metafísica e, em sua gênese, o pensamento Judeu. Seja pela idéia de que seu pensamento se aproxima da religião – judaica

⁶⁷ Doutoranda do programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, sob orientação do Prof. Dr. William de Siqueira Piauí, e membra do Grupo de Estudos em Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS).

⁶⁸ Graduado em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo. Especialização em Filosofia Contemporânea e História, pela mesma universidade. Mestrando do curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas, sob orientação da Profa. Dra Cristina A. Viana Meireles.

- segundo alguns. No entanto, certo de que sua proposta é fundamental para o pensamento filosófico contemporâneo, buscar-se-á compreender como os conceitos de vontade e de temporalidade são abordados pelo filósofo em uma de suas obras filosóficas mais importantes. Como proposta de trabalho, os conceitos de vontade e de temporalidade abordados por Emmanuel Levinas em sua obra *Totalidade e Infinito*, vem nos apresentar um conjunto de significados que nos possibilita compreender, a partir do aparato fenomenológico, a postura filosófica do autor. Como temas clássicos da filosofia, esses conceitos são apresentados por Levinas como vias para compreender a relação com o outro num contexto em que a ética se faz presente e é interpretada como filosofia primeira. Neste sentido, entender a ética levinasiana requer um exercício intelectual capaz de penetrar as entranhas mesmas da filosofia, ou seja, seu discurso metafísico, mesmo que, segundo alguns, não se possa mais defender metafísica na pós-modernidade. No entanto, Levinas não apenas pensa metafisicamente, como dá uma re-significação a ela. Ou seja, atrela o discurso metafísico ao discurso ético e, neste sentido, de responsabilidade por outrem.

Palavras-chave: Vontade; Temporalidade; Ética; Outro; Levinas.

A ALTERIDADE LEVINASIANA E A UNIVERSALIDADE DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS: A EFETIVA VINDA À PRESENÇA DE UM OUTRO DESCONHECIDO.

Francisco Manoel da Silva Júnior⁶⁹

Resumo: o estudo da alteridade, em Levinas, é um dos vetores que revela a importância de pensar o dilema da convivência em meio às diferenças. Por consequência, refletir a proposição de um novo objeto de estudo para filosofia, que flui no pensar ético dessas relações é nosso objetivo. A contemporaneidade roga por alternativas, e neste projeto se propõe a investigação de uma organização normativo-social, partindo da alteridade levinasiana, em oposição à

⁶⁹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL/UFAL); Oficial da Reserva do Exército (NPOR); graduado em Direito – (CESMA); Especialista em Filosofia Contemporânea (UFAL); Especialista em Direito Constitucional, Humanos, Administrativo (FUTURA), Especialista em Direito Penal e Processo Penal (ESTÁCIO); Graduando em Filosofia (UFAL). Orientadora: Profa. Dra. Cristina Amaro Viana Meireles.

coisificação das relações humanas provenientes do capitalismo, vislumbrando uma maior efetividade da universalidade dos direitos humanos, de conteúdo e não meramente formal (de aparências), *atotalitária*. Como ponto de passagem pretendemos evidenciar que as lutas por independência das colônias mercantilistas na América do Sul, assim como as grandes guerras resultantes da disputa por fatias e/ou domínios de mercado, possibilitaram um acumulado histórico de miseráveis, famintos, vítimas da violência bélica, da intolerância e da indiferença política, e mais ainda que o aparato jurídico ocidental é instrumento para fabricar rostos negligenciados de excluídos, cuja subsistência torna imprescindível “colocar em xeque” as certezas já tidas como inquestionáveis, no campo da alteridade, pensando, nesse ponto, em uma nova ética. Assim, o livre exercício da razão é mesmo o elemento de caracterização da humanidade? pois, se assim for, indagar-se-á: que espécie de racionalidade é esta que chancelou todas as barbáries ocorridas nos fatos históricos acima mencionados? Em especial o holocausto e o genocídio da população indígena latino-americana; O que é mesmo liberdade, bem como se é possível ao Estado determinar o que é ou não humano?

Palavras-chave: Levinas; Alteridade; Ética; Filosofia; Direitos Humanos; Totalidade

A CONDUTA PIRRÔNICA NO ENSINO MÉDIO: UMA ALTERNATIVA METODOLÓGICA.

Adriel Cardoso Fonseca Santos⁷⁰

Resumo: O objetivo da comunicação é a apresentação do desenvolvimento parcial do projeto de pesquisa acerca de uma metodologia pirrônica como alternativa para a reflexão filosófica no Ensino Médio. Após a apresentação do arcabouço geral do projeto de pesquisa, dar-se-á ênfase à formação do itinerário do ceticismo pirrônico, a partir da obra *Hipotiposes pirrônicas*, de Sexto Empírico, filósofo e médico (c. II-III), considerado o mais importante compilador e expoente do pirronismo. Nesse sentido, observa-se a importância dada por Sexto ao escopo da

⁷⁰ Graduado em Filosofia (Licenciatura) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Mestrando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Pinto de Brito. E-mail: adrielcardoso33@gmail.com

conduta cético-pirrônica e à determinação desse escopo como causa primeira da sua investigação. Com isso, nota-se nas Hipotiposes a influência do pensamento antigo que concebe o exercício filosófico como uma *práxis*, tendo como objetivo a ataraxia. Em seguida, passa-se às considerações acerca da viabilidade prática do pirronismo, considerando suas características próprias quanto à linguagem e ao critério de ação. Por fim, ressalta-se o aspecto positivo do pirronismo a partir de uma das vias de seu critério de ação quadripartido na observância da vida comum, a saber: a adoção de um ofício. Como está acima mencionado, sabe-se que Sexto foi médico e que a sua profissão e conduta filosófica sofreram influências mútuas. Desse modo, suscita-se a seguinte questão: poderia um pirrônico em tempos atuais exercer o ofício de professor, no qual os seus preceitos cético-pirrônicos influenciariam a sua metodologia de ensino?

Palavras-chave: Ensino Médio; Filosofia; Metodologia; Pirronismo.

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DAS FORMAS PRESENTES NOS DIÁLOGOS FÉDON E A REPÚBLICA, DE PLATÃO

Cleudo Melo Araujo⁷¹

Resumo: Dentre inúmeros e relevantes aspectos de seu imenso edifício filosófico, a teoria das Formas tem um especial destaque na obra deixada por Platão. O alcance e a influência dessa teoria, em todo o desenvolvimento histórico posterior da tradição filosófica ocidental, especialmente do que é chamado de metafísica, é incomensurável. Tal teoria encontra-se formulada em alguns dos diálogos platônicos da sua chamada fase intermediária, sobretudo no *Fédon* – onde é praticamente onipresente – e na *República* – onde possui importantes e decisivas passagens. Busca-se, no presente trabalho, analisar de que maneira a teoria das Formas está contida e é abordada nestes diálogos específicos, procurando-se identificar e esclarecer quatro princípios teóricos que são fundamentais e que estão na base da sua

⁷¹ Licenciado em Matemática (UFS). Advogado. Especialista em Direito Público (GUANAMBI). Especialista em Estatística e Avaliação Educacional (UFJF). Mestrando em Filosofia (UFS). Orientador: Prof. Dr. Aldo Lopes Dinucci. E-mail: cleudo_melo@hotmail.com.

construção, quais sejam: a estrutura do “um sobre o múltiplo”, o princípio da homonímia, o princípio do dualismo ontológico e a hipótese da participação. Neste ponto, é válido destacar que não há qualquer ordem de prioridade ou hierarquia na estruturação desses quatro princípios teóricos fundamentais dentro da construção da teoria platônica das Formas. Também é importante destacar que tais princípios aparecem concomitantemente durante a obra de Platão, resultando na versão clássica da teoria exposta em seus diálogos, e dessa forma é que se pretende apresentá-los.

Palavras-chave: Platão; Teoria das Formas; Fédon; A República.

A ARTE RETÓRICA E OS SOFISTAS

Thatiane Santos Meneses⁷²

Resumo: Aristóteles inicia sua obra Retórica afirmando que a retórica seria a contraparte da dialética e que ambas são importantes para a vida dos indivíduos. Ressalta ainda que a retórica não pertence a nenhuma ciência determinada. É com base nessa reflexão do estagirita que buscamos, na presente pesquisa, demonstrar a importância da arte retórica tão difundida pelos sofistas. Há registros de que Platão defendia a tese de que retórica e filosofia andavam juntas, mas ele primeiro primou por afastar os sofistas da retórica, uma vez que ele defendia que os sofistas não passavam de enganadores, como poderiam eles fazer filosofia? Não poderíamos falar da arte retórica sem mencionarmos o sofista Górgias, notadamente um dos maiores mestres desta arte. Górgias defendia que o efeito que o discurso retórico produz está relacionado com o caráter da pessoa, razão pela qual ele não poderia ser responsabilizado pelo mau uso que seus alunos poderiam fazer da retórica. E essa observação é de suma importância na medida em que os ataques aos sofistas começaram a ganhar força. Convém ressaltar que a retórica não foi uma criação dos sofistas, acredita-se que ela tenha se originado com os sicilianos Córax e Tísias. Quando de sua criação, a retórica era utilizada no meio jurídico como argumento da

⁷² Advogada, Pós-graduada em Direito Civil e Processual Civil (FSBA), Pós-graduada em Ensino de Filosofia (FAVENI), Mestranda em Filosofia do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Professor Doutor Aldo Lopes Dinucci. E-mail: thatianesm@hotmail.com.

probabilidade, mas, conforme será demonstrado, foram os sofistas que demonstraram melhor o seu uso, contribuindo sobremaneira com o florescimento do regime democrático na Grécia do século V a.C.

Palavras-chave: Retórica; Aristóteles; Platão; Sofistas.

SOBRE A BUSCA PELA INAUSÊNCIA DO OUTRO NA FILOSOFIA DE PLOTINO: O CONSTRUIR DA TESE EM MEIO A UMA PANDEMIA

Tadeu Júnior de Lima Nascimento⁷³

Resumo: A finalidade da comunicação é apresentar um relato de experiência da pesquisa à qual tenho me dedicado enquanto doutorando em filosofia na UFS. Debruçada no pensamento de Plotino (204 ou 205 – 270 d.C.), o objetivo de minha tese, grosso modo, é demonstrar que apesar dos tratados desse filósofo (as *Enéadas*) terem como foco o sistema profundamente metafísico das três hipóstases — Uno (*hén*), Intellecto (*noús*) e Alma (*psyché*) — e, do ponto de vista antropológico, uma vida voltada à contemplação intelectual, sua ética não é solipsista ao ponto de negligenciar os *outros*. Procuro apontar que em todas as fases da escrita plotiniana o *outro* nunca esteve ausente, interpretando, por exemplo, a teoria de que “todas as almas são uma só” ou como Plotino entende que deve ser o caráter do virtuoso (*spoudaios*). Escrever acerca de tais temas durante uma pandemia suscitou desafios obviamente inesperados, creio ser importante expô-los.

Palavras-chave: Relato de experiência; Pesquisa; Filosofia; Plotino; Os outros; Pandemia.

A INEFICÁCIA DA PALAVRA NA SIGNIFICAÇÃO E OSTENSÃO DA COISA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO DE MAGISTRO DE AGOSTINHO DE HIPONA

⁷³ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Professor de Filosofia no Instituto Federal do Maranhão- IFMA - Campus Buriticupu; Colíder do grupo de pesquisa “Núcleo de Humanidades” (IFMA/CNPq); Orientador: Prof. Dr. Cícero Cunha Bezerra. E-mail: tjelithe@yahoo.com.br

Resumo: A presente comunicação propõe uma reflexão acerca do valor cognitivo da palavra no pensamento filosófico de Agostinho de Hipona no seu célebre diálogo *De Magistro*. Tal investigação parte da suspeição de que a linguagem verbal não dá a conhecer aquilo que as coisas significam, tão pouco mostra a coisa significada. Para Agostinho, pronunciar uma palavra é emitir um estímulo sensível que não produz na mente do ouvinte nem o conhecimento do sinal nem o conhecimento da coisa significada. Ou seja, a opacidade da palavra é a fonte de sua ineficácia cognitiva. Por essa razão, a favor do conhecimento das coisas, está o conhecimento prévio dos sinais. Logo, desprovida de eficácia cognitiva a respeito da realidade significável, a palavra, enquanto sinal, não produz o conhecimento da realidade se este não for previamente dado. Com efeito, as palavras são sinais, mas elas não possuem nenhuma força constitutiva de conhecimento, antes, a sua função consiste unicamente em lembrar ou admoestar a memória. Se as palavras ficam aquém de dar a conhecer os seus significáveis, bem como a ostensão das coisas, como explicar a força de admoestação que lhes reconhece? O *De Magistro* se caracteriza por ser uma obra fecunda sobre a relação linguagem e conhecimento, apresentando a necessidade de uma mediação interior como solução de seus problemas.

Palavras-chave: Agostinho; Linguagem; Conhecimento; Significação; Palavra.

O CONCEITO DE PULSÃO EM NIETZSCHE E FREUD

Salomão Santana⁷⁵

Resumo: O conceito alemão, *Trieb* é carregado de uma polissemia sem precedentes. Difícil de ser traduzido para outra língua, esse termo assume na teoria psicanalítica uma chave teórica sem antecedentes, em torno de um conceito no campo científico ou filosófico do léxico

⁷⁴ Discente especial do programa de pós-graduação em Filosofia da UFS. Participa do GT/ ANPOF Agostinho de Hipona e o pensamento tardo-antigo e também do Grupo de Estudos do Núcleo de Estudos Agostinianos e Idade Média da UFCA. E-mail: ronnydennyson@gmail.com. Orientador: Dr. Nilo César Batista da Silva.

⁷⁵ Doutorando em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, (orientando de Romero Junior Venâncio Silva) Pós-Graduação em Psicanálise clínica, graduando em Psicologia e membro do GEFILUFS - Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS

Germânico. Importante para compreender a Hermenêutica do Inconsciente, na Psicanálise freudiana, e as estruturas psíquicas que dele advém, o *Trieb* é comumente traduzido por Pulsão. Na arquitetura teórica da filosofia de Nietzsche, o termo constitui uma chave interpretativa importante para a compreensão da Psicofisiologia de Nietzsche, em torno da Vontade de Poder. Pretendemos nesta comunicação, apresentar paralelos e semelhanças do conceito Pulsão (*Trieb*), na produção teórica dos dois pensadores de língua alemã, assim como demonstrar a sua importância para Psicologia e Filosofia de Nietzsche, assim como para a Psicanálise freudiana. As seguintes questões nos orientam em nosso percurso: A gênese do conceito *Trieb*, sua relação com a psicofisiologia e psicologia nos dois pensadores de língua alemães, aspectos dinâmicos das Pulsões, o lugar que tal conceito assume na produção teoria de Nietzsche e Freud. **Palavras-chave:** *Trieb*; Pulsão; Psicologia; Vontade de Poder.

A QUESTÃO DA LIBERDADE EM DELEUZE

Edson Peixoto Andrade⁷⁶

Resumo: O presente artigo objetiva discutir a questão da liberdade na filosofia de Deleuze tanto em obras que ele produziu sozinho quanto em obras produzidas em parceria com Guattari. Partimos do pressuposto de que pensar a liberdade em Deleuze é tarefa que pode ser levada a termo quando se considera algumas noções fundamentais, tais como, a noção de singularidades nômades, impessoais e pré-individuais; de inconsciente; de desejo; de prazer; de agenciamentos; de produção, dentre outros. Para tanto, pretendemos fazer um percurso por alguns textos centrais, tais como, *Diferença e repetição*; *Lógica do sentido*; *O anti-Édipo*, *Mil Platôs*, além de *A Dobra: Leibniz e o barroco* os quais nos permitem observar a dinâmica inconsciente e social que perpassam a produção tanto dos corpos quanto da linguagem. Em primeiro lugar, discutiremos a questão das singularidades nômades, impessoais e pré-individuais e a crítica à noção moderna de sujeito. Nesse contexto, a consideração das gêneses

⁷⁶ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF/UFS), sob orientação do Prof. Dr. William de Siqueira Piauí, e membro do Grupo de Estudos em Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS).

(estática e dinâmica) e a noção de dobra serão requeridas para pensar os agenciamentos e seus investimentos. A partir daí, consideraremos a questão da repetição em sua relação com o tempo, com a diferença e com o inconsciente observando as implicações para a liberdade. Por fim, discutiremos a respeito do desejo, do gozo, da produção e como isso se relaciona com a afirmação ou negação da liberdade

Palavras-chave: Deleuze; Liberdade; Singularidades; Desejo.

O DEVIR INCÔMODO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SUJEITO NO DELEUZE DE SLAVOJ ŽIŽEK

Merielle do Espírito Santo Brandão⁷⁷

Resumo: A análise deste objeto de pesquisa se dá em entender a crítica e a construção do sujeito em Gilles Deleuze a partir da leitura do filósofo Slavoj Žižek. O trabalho examinará as considerações zizequeanas sobre o “Devir edipiano” em Deleuze, formulando um perfil de sujeito que ora parece contradizer as assertivas deleuze-guattarianas e, em outros momentos, parece trazer à tona uma dívida dos pensadores franceses para com Jacques Lacan. Lacaniano, o obverso do sujeito pensado por Žižek parece se assentar na psicanálise e limitar a leitura filosófico-psicanalítica do Édipo de Deleuze e Guattari. A saber, criando um tipo de “precursor sombrio” do sujeito, o Devir de Édipo, para Žižek, seria uma cópia mal desenvolvida da leitura de Édipo em Lacan.

Palavras-chave: Devir; Sujeito; Édipo; Precursor sombrio.

⁷⁷Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Mestra em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal De Sergipe - UFS. Especialização em Filosofia e Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Doutoranda em Filosofia do Conhecimento e Linguagem pela Universidade Federal De Sergipe – UFS, sob orientação do Prof. Dr. William de Siqueira Piauí. Membro do grupo de pesquisa GEFILUFS – UFS.

CONHECIMENTO E NECESSIDADE: A PROBLEMÁTICA DA LIBERDADE NO ESTRUTURALISMO FRANCÊS.

Lauro Iane de Morais⁷⁸

Resumo: A presente comunicação pretende expor como a problemática da liberdade e da necessidade ressurgiu no estruturalismo francês do século XX, estabelecendo seus contornos a partir das filosofias de Louis Althusser (1918-1990), Jacques Lacan (1901-1981) e Gilles Deleuze (1925-1995). Neste sentido, veremos que a descoberta do inconsciente pela psicanálise freudiana e sua subsequente reformulação por Lacan transformou o horizonte no qual foi pensada a relação entre a necessidade, implicada pelo conhecimento da estrutura inconsciente, e a pressuposição de um espaço incondicionado, a partir do qual agiríamos livremente. Assim, buscaremos compreender: (i) de que modo as estruturas nos afetam enquanto agentes morais e nos tornam sujeito? (ii) a necessidade da reprodução das estruturas implica perda de autonomia e, conseqüentemente, de liberdade ou constitui a condição de possibilidade para o exercício da mesma? Para responder a essas perguntas, nos utilizaremos das filosofias de Deleuze e Althusser e, eventualmente, do lacaniano Slavoj Žižek (1949 -), mostrando como podemos equacionar o problema da liberdade e necessidade nesta vertente do estruturalismo francês.

Palavras-chave: Estruturalismo; Conhecimento; Liberdade; Necessidade.

O CONHECIMENTO LINGÜÍSTICO COMO UMA PRÁTICA SOCIAL: UMA CRÍTICA FOUCAULTIANA AO CONCEITO DE *SUJEITO* COMO *LOCUS* DE REPRESENTAÇÕES

Giovani Pinto Lírío Júnior⁷⁹

⁷⁸ Professor na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF-UFS), sob orientação do Prof. Dr. William de Siqueira Piauí, e membro do Grupo de Estudos em Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS).

⁷⁹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF/UFS), sob orientação do Prof. Dr. William de Siqueira Piauí, e membro do Grupo de Estudos em Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS).

Resumo: Este texto apresenta um breve comentário acerca do conceito de *linguagem* defendido por Noam Chomsky a partir da problemática do conceito de *discurso* foucaultiano. Utilizaremos para tanto o livro *Natureza humana: justiça vs. poder – o debate entre Chomsky e Foucault*, no qual o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) analisa a teoria inatista chomskyana, lastreada numa epistemologia do *sujeito* como *locus* de representações, a partir dos processos de comunicação em situação de uso, ou seja, o discurso como uma prática social. Parece que essa problemática gira em torno de uma questão central, a saber: Qual é a condição do sujeito na linguagem? Somos *um constructo* de todos os tipos de fatores externos que compõem as nossas atividades coletivas ou apesar de nossas diferenças há algo em comum que poderíamos chamar de *natureza humana*?

Palavras-chave: Chomsky; Foucault; Inatismo linguístico; Discurso; sujeito; Conhecimento.

A RECUSA LOCKIANA DA EXISTÊNCIA DE PRINCÍPIOS INATOS

Daniel Soares Silveira⁸⁰

Resumo: No livro I, do Ensaio sobre o entendimento humano, John Locke (1632-1704) faz uma extensa crítica a existência de princípios especulativos e práticos inatos, também conhecidos como ideias inatas. De maneira genérica, os teóricos dessa hipótese defendiam que haveria na mente humana uma série de impressões inatas e que elas constituiriam a base de todo o conhecimento humano. Contra eles, o filósofo inglês argumenta que tais princípios inatos não teriam a aceitação geral que seus defensores supunham, não seriam conhecidos por boa parte da humanidade, o próprio conhecimento desses princípios exigirá estudo dos homens e, além disso, pressuporia a existência de ideias na mente das pessoas que elas não teriam nenhuma consciência. Suposição que o autor do Ensaio considera absurda. Sendo assim, esses e outros problemas mostrariam, de acordo com Locke, que as ideias do entendimento não dependeriam de tais princípios para existir, ao contrário, teriam sua origem na experiência.

⁸⁰ Doutorando em filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: daniel.ss777@hotmail.com. Orientador: Antônio Carlos Dos Santos.

Nesta comunicação, apresentaremos o que acreditamos ser os principais argumentos de Locke contra a teoria da existência de princípios inatos na mente dos homens.

Palavras-chave: Locke; Princípios inatos; Ideia, Mente.

A CONTRIBUIÇÃO DA CONSTITUIÇÃO MISTA PARA A VIGÊNCIA DA LIBERDADE NO LIVRO I DOS *DISCURSOS* DE MAQUIAVEL

José Quitério da Silva Correia⁸¹

Resumo: O objetivo dessa breve comunicação é destacar a preponderância do papel da constituição mista para a vigência da liberdade no pensamento de Nicolau Maquiavel. Recorre-se, para alcançar este fim, às análises do secretário florentino sobre a descrição de Tito Lívio acerca dos eventos que conduziram Roma a adotar uma constituição perfeita, no sentido de ser completa. Com efeito, a constituição mista ofereceu aos Romanos mecanismos para que todos os atores políticos pudessem, em alguma medida, satisfazer os seus desejos. Pois, os grandes (nobres) desejam comandar e oprimir o povo; o povo deseja não ser comandado e nem oprimido. Conforme Maquiavel apreende das leituras de Tito Lívio, experiências com uma monarquia corrompida conduziram os Romanos a adotar uma constituição que permitia a participação do poder monarca e da nobreza (através do senado) em um primeiro momento. No entanto, para que a liberdade em Roma se consolidasse e permanecesse durante quatro séculos, foi necessário que o povo também conquistasse o direito de participar da cena política (via tribunato da plebe). Dessa forma, através de tumultos que conduziram os romanos a edificar mudanças em seu ordenamento, Roma se consolida como uma potência capaz não apenas de se manter estável, mas também de se expandir. Essa expansão territorial e manutenção da liberdade não seriam possíveis sem a constituição mista.

Palavras-chave: Liberdade; Constituição Mista; Teoria dos Humores; Maquiavel.

⁸¹ Licenciado e Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas – PPGFIL UFAL. Orientado e coorientado por Taynam Santos Luz Bueno e Flávia Roberta Benevenuto de Souza, respectivamente.

O CONTRATO SOCIAL PARA A FORMAÇÃO DO ESTADO CIVIL (COMMONWEALTH) NO CAPÍTULO XIV DO *LEVIATÃ* DE THOMAS HOBBS

Solange Almeida Lima⁸²

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo fazer uma breve exposição do capítulo XIV do *Leviatã*, no qual o filósofo inglês Thomas Hobbes trata, principalmente, do pacto celebrado entre os homens a fim de que estes mesmos homens, por meio de um acordo de vontades, afastem-se da condição de estado de natureza com a formação das sociedades, e, conseqüentemente, celebrem o contrato social para a origem do Estado civil. No referido capítulo, a ideia principal de Hobbes direciona-se ao entendimento de que na comunidade de homens, sem a celebração de um pacto, persistiria uma condição de guerra de todos contra todos. A civilização não sobreviveria sem a celebração do contrato social, e, sem este, os homens viveriam em eterno estado de natureza. O contrato, também de acordo com Hobbes, estaria alicerçado na ideia de pacto como um ato que tem como finalidade estabelecer uma troca: o homem oferece seus favores em troca de adquirir amizade ou paz. Primordialmente, o contrato pressupõe a confiança na concretização do comprometido por ambas as partes acordantes. Assim, considerando a relevância da filosofia política hobbesiana para a formação do Estado moderno e a formação do Estado civil (ou *Commonwealth*), diante dessas considerações, ainda é atual expor e debater filosoficamente como Hobbes, no capítulo XIV do *Leviatã*, compreende a celebração do pacto social para a formação do Estado civil, por meio da figura do soberano, como uma entidade asseguradora da liberdade individual, do direito à vida dos homens e da pacificação social.

Palavras-chave: Filosofia política hobbesiana; Pacto social; Autoridade política; Ideia de República; Formação do Estado civil; *Commonwealth*.

⁸² Pedagoga e Mestranda em Filosofia na linha de pesquisa Filosofia da História e Modernidade no Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGF) na Universidade Federal de Sergipe (UFS), Orientador Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva. E-mail: solalmlima20@gmail.com

O "ELEMENTOS DA LEI NATURAL E POLÍTICA" NA TEORIA E NO SISTEMA DA LINGUAGEM DE HOBBS

Mariana Dias Pinheiro Santos⁸³

Resumo: O objetivo geral deste trabalho consiste em apresentar algumas mudanças promovidas por Hobbes entre o Elementos da Lei Natural e Política (1640) e as edições inglesas de Leviatã (1651) e De Corpore (1655) no que diz respeito à sua teoria da linguagem. Sustenta-se que não é possível conceber uma unidade entre todas as obras supracitadas e que, conforme Limongi apresenta em A Semântica do Materialismo (2000), De Corpore contém a versão final da teoria da linguagem hobbesiana; sugere-se, além disso, que as alterações promovidas por Hobbes se devem, ao menos em parte, às críticas que Descartes promove nas respostas às Terceiras Objeções (1641) e à adoção, a partir de 1651, da geometria, enquanto método, na teoria da linguagem. Nesse sentido, objetiva-se, especificamente, investigar qual papel o Elementos da Lei assume no sistema da linguagem proposto por Hobbes. Exposto isso, pretende-se: em primeiro lugar, apresentar, de modo geral, a teoria da linguagem proposta na obra de 1640; em segundo lugar, expor quais adições são feitas no Leviatã e no De Corpore, no que diz respeito ao sistema e à teoria da linguagem de Hobbes; em terceiro e último lugar, comparar quais teses do Elementos da Lei foram abandonadas nas obras de 1651 e 1655.

Palavras-chave: Elementos da Lei; Hobbes; Linguagem; Descartes; Geometria.

EDUCAÇÃO NATURAL E MORAL EM ROUSSEAU

Ronney Costa de Morais⁸⁴

⁸³ Graduada em filosofia na UFS. Pesquisa a relação da linguagem e da mecânica na filosofia de Hobbes, interessa-se pela filosofia das luzes da Grã-Bretanha. Co-fundadora da liga acadêmica "Círculo de São Cristóvão", membro do grupo de pesquisa de Ética e Filosofia Política da UFS, organizadora de "Entre o Mito e a Política".

⁸⁴ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Filosofia (UFS), orientador *Christian Lindberg*, integrante do grupo de estudos (Ética e Filosofia Política) e professor da educação básica de Filosofia e História.

Resumo: O objetivo geral desta comunicação é analisar a relação entre moralidade e educação natural em Rousseau. Por meio dele se pretende demonstrar o rompimento do homem com o estado natural, a multiplicação dos males diante do convívio social, e a formação de indivíduos livres. O problema central da pesquisa surge a partir do questionamento que perpassa significativamente toda a pesquisa: qual é a solução profilática proposta por Rousseau para restaurar a natureza humana, desde que a perspectiva civilizatória seja preservada? A vida em sociedade perturbou a harmonia que o homem tinha com o seu ser. Estando corrompido, utiliza as ciências e as artes para ampliar a tirania e o luxo. Sendo assim, verifica-se que a formação do indivíduo é uma alternativa para aproximar o homem da sua constituição natural que se inicia com o nascimento. Neste sentido, a educação natural é promovida para a valorização da infância e de sua autonomia. A metodologia adotada será a análise estrutural, na qual se pretende compreender os conceitos elaborados nas obras investigadas, priorizando as estruturas internas.

Palavras chaves: Educação natural; Moral; Degeneração; Infância.

LOCKE E LEIBNIZ: SOBRE OS TERMOS E O CONHECIMENTO

Samara Conceição de Jesus⁸⁵

Resumo: O presente trabalho tem como intuito apontar os principais pontos o capítulo III dos *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, intitulado Dos termos gerais, do filósofo John Locke, onde será abordado sobre a existência dos termos em geral e suas significações e o capítulo XI dos *Novos ensaios sobre o entendimento humano* de Leibniz, onde ele vai refutar o pensamento do empirista John Locke acerca conhecimento e das verdades eternas. Assim a apresentação sobre o primeiro capítulo mencionado possibilitará uma compreensão inicial geral das palavras que define as coisas e em como a existência das palavras, dos termos em gerais tendem a se debater por necessidade, pois o uso das palavras depende da conexão entre o espírito e ideias.

⁸⁵ Acadêmica em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, bolsista PIBID/CAPES. E-mail: samarac@academico.ufs.br. Orientador: Prof. Dr. William de Siqueira Piauí.

Assim, o presente trabalho visa principalmente apresentar uma pequena introdução, mostrando de como só é possível por meio das palavras considerar as coisas.

Palavras-chave: Termos; Ideias; Conhecimento; Verdades; Eternas.

LEIBNIZ: NOMINALISTA OU REALISTA? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CONCEPÇÃO LEIBNIZIANA CONCERNENTE À FUNDAMENTAÇÃO DA REALIDADE DAS IDEIAS

José Lino da Cruz Junior⁸⁶

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de justificar a posição realista de Leibniz ante a tese de Frederic Nef e de outros filósofos que apontam o alemão como defensor de uma concepção nominalista do conhecimento. No nosso percurso argumentativo tencionamos abordar a realidade do nosso conhecimento em Leibniz. Especificamente de onde procedem as verdades e de como é fundamentada a realidade das ideias nesse contexto.

Palavras-chave: Cratilismo; Conexão; Ideias; Nominalismo; Realismo.

NOTAS INTRODUTÓRIAS AO REALISMO DE LEIBNIZ

Rayane Ribeiro dos Santos⁸⁷

Resumo: O objetivo desse texto é apresentar uma breve introdução ao realismo de Leibniz. Para isso, iremos mostrar um corte epistemológico dos seus textos antes e depois dos *Novos ensaios sobre o entendimento humano* que é a obra principal utilizada nesse texto, faremos essa divisão para evidenciar que o filósofo alemão não é um nominalista, pois em textos anteriores

⁸⁶ Mestrando do curso de Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, sob orientação do Prof. Dr. William de Siqueira Piauí, e integrante do Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS.

⁸⁷ Graduanda do curso de Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), integrante do Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS), bolsista voluntária do PIBIC, financiado pelo CNPq, tendo como orientador William de Siqueira Piauí. E-mail para contato: rayribeiro425@gmail.com

ao que estabelecemos como principal, ele era considerado como tal. Deste modo, para defender a hipótese que Leibniz é um realista seguiremos uma cadeia argumentativa que consiste em um primeiro momento abordar acerca do convencionalismo ou cratilismo de Leibniz a partir da sua consideração das línguas naturais ou históricas. Em um segundo momento, iremos tratar da realidade do conhecimento humano no que concerne à realidade das ideias, discutindo sobre as definições reais e as conexões de ideias para sustentar a hipótese de que Leibniz é um realista.

Palavras-chave: Leibniz; Convencionalismo; Cratilismo; Realismo; Nominalismo.

LEIBNIZ: AS LÍNGUAS E AS NAÇÕES

Hudson Canuto⁸⁸

Resumo: Para Leibniz, as línguas todas parecem ter procedido de alguma língua muito antiga, já perdida ou, pelo menos, muito modificada e corrompida por conta de fatores sejam internos ou externos que influíram sobre ela. Dessa modificação ou corrupção originam-se as línguas modernas. Para além da consideração de qual poderia ter sido a língua mais próxima àquela origina, deve-se focar no fato de que na conexão das línguas vê-se patentemente a conexão das nações. Isso faria ver que os povos, europeus pelo menos, teriam uma origem comum.

Palavras-chave: Monogenismo; Diferenciação; Conexão das línguas; Conexão das nações.

⁸⁸ Hudson Canuto é professor de Língua Portuguesa, História da Língua Portuguesa e Fonética e Fonologia do Português no Instituto Federal de Alagoas; é mestre em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF-UFS), sob orientação do prof. Dr. William de Siqueira Piauí, e membro do Grupo de Estudos em Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS).